NOVELLAE OLIVARUM

ANO XV NÚMERO 141 ABRIL 1957

MISTERIO PASCAL — P. J. Ferreira 109

O MÁRTIR SÃO VICENTE E A SUA LITURGIA — Gregorius 112

UM ESQUEMA DE PREGAÇÃO LITÚRGICA PARA O MÊS DE MAIO — J. Rocha Alcobia 124

ARQUITECTURA E LITURGIA — (A PROPÓSITO DA IGREJA DE MOSCAVIDE) — Avelino Rodrigues 132

PANORAMA — António Henrique e Fernando Bello 139

LIVROS NOVOS 142

Casa Nun'Alvares

PORTO

626-Rua de Santa Catarina-630

Telefone - P. P. C. { 23586 / 23587

ARTIGOS RELIGIOSOS
TIPOGRAFIA
OBJECTOS DE CULTO
LIVRARIA
PARAMENTOS

Enviam-se gratuitamente catálogos ilustrados com cerca de 300 desenhos e preços a quem os requisitar.

Escola de Condução de Automóveis
«A POPULAR»

DIRECÇÃO TÉCNICA DE
ALBERTO PIRES

TELEF 721891 LISBOA

Motos, ligeiros e pesados

AVENIDA DE MADRID, N.º 3-C

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género **Fundada em 1832**-*Rua da Vitória, 82-88—Rua do Ouro, 166-170*

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado

NOVELLAE OLIVARUM

Director — ALBERTO NETO SIMÕES DIAS
Redactores — JOSÉ POÇAS RIBEIRO / CLÁUDIO MARQUES TEIXEIRA
Administradores — ALBINO MAMEDE CLETO / AVELINO BARATA PINTO
Proprietário e Editor — IRENEU MARQUES CLEMENTE

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia, Ld.ª — Gouveia — Telef. 174

BAYER

Rioplex

100 % Cuprama

ESCOLHA O TOM PRETO PRÓPRIO PARA O CLERO.
EXIJA NA OURELA A MARCA «**RIOPLEX**», POIS OS TECIDOS «**RIOPLEX**» SÃO **RESISTENTES** E DE CORES **ABSOLUTAMENTE INALTERÁVEIS**

LARG. 1,50 **PREÇO 80$00**

Os azulejos para a Igreja de Moscavide foram executados pelo artista

MANUEL CARGALEIRO

na

Fábrica Cerâmica Viúva Lamego, L.da

Largo do Intendente, 25

LISBOA

Marmindústira Portuguesa, L.da

MÁRMORES E CANTARIAS

EXPORTADORES

Oficinas em:
Pero Pinheiro

Pedreiras em:
Pero Pinheiro
Estremoz
Borba e Abrã

Escritório:
RUA BARATA SALGUEIRO, 53-2.°
Telef. 59176 — Teleg. MARPOR
LISBOA

Diamantino Francisco Tojal

CONSTRUÇÕES CIVIS

Carpintaria e serração mecânica

Beco do Forno do Sol, 11-C

TELEF. 849563 — 845591

Lisboa



«É absolutamente necessário dar livre campo também à arte moderna, desde o momento que sirva com a devida reverência e honra dos templos e funções sagradas».

Pio XII, na encíclica «Med. Dei»

Cálices, Cibórios, Custódias Banquetas, Cruzes, Lampadários, Alfaias, Mobiliário Paramentaria

MODELOS MODERNOS E DE BOM GOSTO

PEÇA ORÇAMENTO A

Baptista e Padilha, L.da

R. das Portas de Santo Antão, 76-2.º
LISBOA

"HIPÓLITO,,

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE

FOGÕES — LANTERNAS — PULVERIZADORES PARA TODAS AS CULTURAS — PRENSAS PARA LAGAR, MANUAIS MECANICAS E HIDRÁULICAS — MATERIAL PARA ADEGA — CALDEIRAS DE DESTILAÇÃO — ETC. ETC.

Casa Hipólito, L.da

Telefone 3 e 53

TORRES VEDRAS

Móveis da Bela Vista, L.da

Mobiliário e carpintarias

FORNECEDORES DA IGREJA DE MOSCAVIDE

Escritório na R. Viriato, 23 D — LISBOA — Telef. 730824

Fábrica na Cruz de Popa — ESTORIL — Telef. 069062

FUNDADA EM 1756

"Genáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

MISTÉRIO PASCAL

De há poucos anos para cá, que esta palavra — mistério pascal — tem vindo a despertar interesse crescente entre os cristãos. Para tanto têm contribuído não pouco a restauração, primeiro de Vigília pascal, depois de toda a semana santa.

A Páscoa, tradicionalmente capaz de evocar entre a nossa gente cristã ou, ao menos, conservadora uma tal ou qual ressurreição de alegrias era a Missa do Sábado Santo com o «aparecimento» do alleluia, *as campainhas a tocar, os paninhos roxos a correr por cordelinhos da frente das imagens ou das janelas, obscurecidas para justificar aquele* «haec nox est», *às vezes, até o sepulcro aberto à boca do camarim de exposição do SS. Sacramento, com dois anjos evocativos, mais humanos que angélicos!...., — tudo imensamente teatral, imensamente humano, imensamente distante do mistério grande daquela «sacratíssima nox». Páscoa era ainda a visita pascal ou o* compasso, *com o Senhor Prior de porta em porta a dar o crucifixo a beijar a todas as famílias da sua paróquia — coisa aliás belíssima e bem fundada no Ritual Romano (T. VIII, cap. IV). E quando simplesmente se dizia Páscoa, entendia-se quase exclusivamente o sacratíssimo Domingo da Ressurreição.*

Hoje, aparecem livros com o título de «mistério pascal», e sucede que alguns deles nada contêm do Domingo, mas se limitam simplesmente ao tríduo sacro, *que o precede.*

O novo «ordo *da Semana Santa», que refunde toda a Semana Maior, a partir do 2.º Domingo da Paixão ou de Ramos, já não atinge o Domingo seguinte. No entanto, ele contém a Liturgia solenissima da Páscoa, dos* «maxima redemptionis mysteria».

Que é, então, a Páscoa?

É a Passagem, *conforme a significação da palavra; a passagem que Cristo Senhor nosso faz da vida terrestre à vida celeste, passando pela morte.*

É a passagem da terra ao céu, do reino de Satan ao reino de Deus, da Morte à Vida.

Páscoa, não é festa isolada, autónoma. Está no termo dum processo. É o triunfo da Vida sobre a Morte. Supõe, por isso, o combate. A sequência do Domingo da Ressurreição *o afirma, quando diz: «A morte e a Vida travaram entre si duelo espantoso; mas o Rei da Vida, que foi morto, agora reina vivo».*

Páscoa é o reencontro da vida em Deus.

Assim foi em Jesus. Embora Ele vivesse em contínua visão beatífica e a sua natureza humana estivesse pessoalmente unida ao Verbo de Deus, com a plenitude da Vida divina, todavia, porque se fez Homem mortal, pôde viver e morrer sujeito às contingências da nossa vida mortal. Só a Ressurreição constitui a Sua Humanidade santíssima naquela inamissível posse da Vida, que, por isso, é eterna, e faz que o Seu Corpo não esteja mais sujeito às fraquezas do homem terrestre; ao contrário, o Se-

nhor é o Homem celeste, o Homem totalmente dominado pelo Espírito, glorioso, imortal.

Assim foi em Jesus, cabeça do Corpo Místico da Igreja. Assim é nesta mesma Igreja e em cada um dos seus membros.

Páscoa é a celebração, no mistério do culto, desse triunfo do Senhor, a favor dos homens.

É a festa de Ressurreição, da Vida nova, restaurada.

É a festa da nossa inserção em Cristo, da comunicação com essa vida de Deus, que n'Ele reina em plenitude e de «cuja plenitude todos recebemos».

É, portanto, a festa do Baptismo, e da renovação das suas promessas; da celebração da Eucaristia; da restauração da graça baptismal, pela Penitência.

Em resumo, é a festa da Redenção, *objectivo final da Incarnação do Verbo de Deus, a que S. Agostinho, com toda a razão, chamou «a Incarnação redentora».*

*

* *

A esta luz, fàcilmente se compreende a extraordinária importância desta Semana, a que justamente se deu o nome de Maior, *em especial, do tríduo sacro, em que se faz a celebração destes mistérios da Redenção, dos quais nasce a esplendorosa alegria pascal, a começar com o primeiro dia que segue a grande Vigília da Ressurreição — o Domingo — «o dia que o Senhor fez».*

A esta luz, se compreende também, que, para restaurar a Fé e a participação nos sacratíssimos mistérios da Sagrada Liturgia, — essas acções sagradas sob as quais nos é representada a acção salvífica que o Senhor, por nós, realizou, — a Santa Sé tenha refundido e tornado mais acessíveis os ritos litúrgicos da Semana Maior. Com fim eminentemente pastoral — disse-se, isto é, em ordem a fazer participar os cristãos da graça desses mistérios, em maior abundância.

Para isso, adaptou-se o melhor possível às necessidades hodiernas e ainda recente decreto da S. Congregação dos Ritos veio abrir novas perspectivas de sentido pastoral.

Insiste-se fortemente na preparação *desta Semana: «Os ordinários dos lugares provejam a que os Sacerdotes sejam bem instruídos não só no que respeita ao ritual da celebração do Ordo da Semana Santa, mas também no que respeita ao seu sentido litúrgico e à sua finalidade pastoral.*

Cuide-se de que os fiéis, no sagrado tempo da Quaresma sejam mais perfeitamente instruídos, em ordem a compreenderem convenientemente o Ordo *da Semana Santa, de sorte a poderem participar na sua celebração, com espírito de compreensão». (Instrução, 1.).*

E a Instrução da S. C. dos Ritos vai tornando-se claríssima ao apontar, em concreto, alguns dos temas a serem esclarecidos e assimilados; entre outros, a compreensão do sentido *dos dias, como o do Sábado Santo, e o das* acções *litúrgicas, como a da Sexta feira Santa.*

E torna a insistir-se nas razões pastorais.

*
* *

O Ordo, *no que diz respeito à Vigília pascal, já tem seis anos; para os outros dias, sòmente um.*

Que nos ensina a experiência destes anos passados?

Cremos que só lições de optimismo. À parte raras excepções, daquelas que corroboram fortemente a regra, aceitou-se e compreendeu-se alguma coisa *do alcance das disposições da Santa Sé.*

Alguma coisa, *pode ser muito ou pouco e houve, certamente, de tudo. Seria curioso lançar-se, como já se fez noutros países; inquérito sobre a aceitação e os resultados dessas celebrações. Seria optimista, estamos em crê-lo.*

Mas optimismo pode não ser muito mais que atitude de esperança. E urgia que fosse mais. O Ordo *da Semana Santa tem de ser aceite e realizado no espírito que a Santa Sé imaginou, ou então será uma cerimónia, morta à nascença, formalista e distante, ou, como se vai dizendo, será mais uma «receita», que se aplica, mas cujos resultados não serão automáticos. Para tanto, é necessária a preparação.*

E a Instrução *aponta, para isso, «o santo tempo da Quaresma». A nossa Quaresma, já tão esquecida, sem dúvida, conserva ainda muito do seu espírito. Os últimos anos têm visto este renovar-se consideràvelmente. Graças a Deus! Mas não basta conservar-lhe ou orientar-lhe o espírito; é preciso dar-lhe um corpo.*

A preparação quaresmal tem de visar *o* seu *termo natural, a Semana Santa e, em particular, a santa Vigília pascal. Perde-se, por vezes, o sentido cíclico do ano litúrgico, principalmente desta primeira parte.*

Os «tempos» litúrgicos são cíclicos, isto é, não autónomos, mas orientados uns para os outros, como a vida. A Quaresma prepara *o mistério pascal, ao mesmo que o tem já em si, porque, a Quaresma, tempo da morte ao «homem velho», pela graça de Cristo, é, por essa mesma graça, tempo de ressurreição do «homem novo». Mas, como grande catequese da Igreja, que é, e escalada ascética da montanha de Deus, ela é o tempo próprio para séria e sólida preparação da cristandade em ordem à grande Semana.*

E cremos que, neste ponto, quase se não começou ainda. E é tempo, que o povo gosta, está à espera, o Santo Padre quer, e «os grandes mistérios da Redenção» exigem-no.

As instruções de S. Congregação são, neste ponto da preparação tão claras, que onde se não possam encontrar três acólitos, mesmo leigos, para Quinta feira Santa e quatro para a Vigília, convenientemente preparados, não se podem realizar as Sagradas funções.

Está, portanto, condenada a teoria, tantas vezes pràticamente aceita, de que aos actos litúrgicos, sendo como são de ordem sacramental, e valendo como valem por si mesmos, lhes é indiferente a atitude da comunidade. Não; a liturgia não é algo de alheio ao mundo humano. A liturgia é acção divina, mas realizada entre os homens e a favor dos homens. Por isso, tem de ser entendida, sentida, vivida pelos homens. E estes homens são a comunidade cristã; e os sacerdotes os seus pastores, *«dispensadores dos mistérios de Deus».*

A Liturgia é a primeira acção pastoral.

P. J. FERREIRA

O MÁRTIR SÃO VICENTE E A SUA LITURGIA

por GREGORIUS

B — *O OFÍCIO (Continuação)*

INVITATÓRIO E HINOS

Já vimos quais eram os invitatórios mais abonados pelos manuscritos do ofício (*Regem sempiternum:* Cl, Ch; *Laudemus Christum Regem:* G, I, W; *Vincentem mundum:* F, Ch II, L, H, D) e que a sua mesma variedade faz suspeitar que o ofício primitivo não teria invitatório próprio.

É este o invitatório do nosso ofício lisbonense:

Vincentem in Martyribus, Christum Dominum, * Venite adoremus.

Não possuímos dados que nos possam fazer duvidar do carácter local desta composição, que é, aliás, dum belo molde litúrgico: sóbrio e de recorte tradicional.

Quanto aos hinos, os poucos elementos documentais de que dispomos levam-nos a crer que o ofício medieval de S. Vicente não os tinha próprios, ao menos na maioria das localidades onde estava em uso.

E não é que os não houvesse. De facto, o nosso Próprio utiliza excertos do longo hino que Prudêncio dedica ao santo no seu *Peristéphanon,* já referido (1), o mesmo fazendo o Breviário Ambrosiano, de Milão (2).

Damos a seguir os três hinos de Vésperas, Matinas e Laudes, segundo o Próprio do Patriarcado e de Faro, mas colocando por baixo de cada verso, quando há divergências, o texto das modernas edições críticas (3), conservando sempre, no entanto, a corrente grafia litúrgica.

---

(1) Cf. *Novellae Olivarum,* Janeiro de 1957, pg. 2.

(2) Cf. Dom P. Guéranger, L'Année Liturgique, Le Temps de Noel, t. II (Tours, 1930), pgs. 400s.

(3) Cf. *Novellae Olivarum,* Janeiro de 1957, pg. 2, nota (7).

A Vésperas

(Peristéphanon, Hino V, estrs. 1-3)

1. Beate Martyr prospera
Diem triumphalem tuum,
Quo sanguinis merces tibi
Corona vincenti datur.
, Vincenti.

2. Hic te ex tenebris saeculi
Tortore victo, et judice
Evexit ad caelum dies
Christoque ovantem reddidit.

3. Nunc Angelorum particeps
Luces in insigni stola,
Collucis
Quam testis indomabilis,
Rivis cruoris laveras.

4. Deo Patri sit gloria,
Ejusque soli Filio,
Cum Spiritu Paraclito,
Et nunc, et omne in saeculum. Amen.

A Matinas

(Ibid., estrs. 72-75)

1. Exsurge, Martyr inclyte,
Exsurge, securus tui,
Exsurge, et audi canticum,
almis coetibus,
Quod excubantes psallimus.
Noster sodalis addere!

2. Decursa jam satis tibi
Poenae minacis munia.
Pulchraeque mortis exitu
Pulchroque
Omnis peracta est passio.

3. O miles invictissime,
Fortissimorum fortior,
Jam te ipsa saeva et aspera
Tormenta victorem tremunt.

4. Spectator haec Christus Deus
Compensat aevo intermino,
Propriaeque collegam crucis
Larga coronat dextera.

5. Deo Patri, *ut supra.*

A Laudes

(ibid., estrs. 139-142)

1. Vincenti, adesto, et percipe
Adesto nunc
Voces precantum supplices,
Nostri reatus efficax
Orator ad thronum Patris!

2. Per te, per illum carcerem,
Honoris augmentum tui,
Per vincla, flammas, ungulas,
Per carceralem stipitem.

3. Per fragmen illud testeum,
Quo parta crevit gloria,
Per quem trementes posteri
Et
Exosculantur lectulum.
Exosculamur

4. Miserere nostrarum precum,
Placatus ut Christus suis
Inclinet aurem prosperam,
Noxas nec omnes imputet!

5. **Si rite sollemnem diem**
Veneramur ore et pectore,
Si sub tuorum gaudio
Vestigiorum sternimur.

6. **Paulisper huc tu illabere,**
huc illabere,
Christi favorem deferens.
Sensus gravati ut sentiant
Levamen indulgentiae.

7. Deo Patri, *ut supra.*

Observações: 1 — As divergências entre o Próprio e as edições críticas são de duas ordens:

a) Variantes devidas às vicissitudes da transmissão do texto. Tais são as do 2.º v. da 3.ª estr. de Vésperas, do 3.º v. da 2.ª estr. de Matinas, do 3.º v. da 3.ª estr. e do 1.º v. da 6.ª estr. de Laudes. As variantes das edições críticas vão no mesmo tipo que o texto comum, a sugerir desde já correcções que se impõem. — NB. No 4.º v. da 1.ª estr. de Vésperas *Vincenti* vai com maiúscula e entre vírgulas, pois os autores interpretam geralmente essa palavra como vocativo de *Vincentius*, e não como dativo do particípio presente activo de *vincere*, tal como sugere a inicial minúscula e a ausência de vírgulas no Próprio.

b) A segunda classe de divergências resulta da necessária adaptação das estrofes à Liturgia e ao tempo actual. Por isso, as variantes do Próprio deverão manter-se, sob reserva de alguma correcção sugerida pelas colectâneas de hinos litúrgicos medievais (analecta hymnica) (4). Essas variantes encontram-se no 3.º e 4.º vv. da 1.ª estr. de Matinas, no 1.º v. da 1.ª estr. e no 4.º v. da 3.ª estr. de Laudes. Neste caso, são estas, e não as lições críticas, que vão no tipo do texto comum. NB. — A modificação mais notável deste género encontra-se nos dois últimos versos da 1.ª estr. de Matinas. As palavras *noster sodalis* (4.º v.) só têm sentido, como no original, na «boca» do anjo que presidia à turma enviada pelo Céu para confortar o mártir, e não na boca de cantores terrenos. Mas como a passagem, na Liturgia, tem o aspecto de evocação histórica, poderia a estrofe adaptar-se, talvez, deste modo, com um mínimo de alteração do original:

Exsurge, Martyr inclyte,
Exsurge, securus tui,
Exsurge, et almis coetibus,
Victor sodalis addere!

---

(4) É, contudo, provável que estes hinos se devam, ao menos em parte, a um arranjo feito, pelos fins do séc. XVI, por Pedro Lourenço de Távora, cónego da Sé de Lisboa, a quem o sínodo diocesano e o arcebispo D. Tomás de Almeida haviam encarregado de adaptar o Próprio Lisbonense à reforma de Sisto V. Diz ele mesmo num relatório enviado a este papa: «Hymnos vero partim ex Prudentio, *paucis additis et mutatis*, desumpsimus». E embora se refira ao ofício da Trasladação, as palavras em itálico (o sublinhado é nosso) coincidem tão bem com o que verificamos nos hinos actuais que se pode, como dissemos, considerar provável que eles se identifiquem com os que foram adaptados por aquele capitular lisbonense. Cf. Bolando, Acta Sanctorum, t. II (Venetiis, MDCCXXXIV), pg. 407s.

2 — A doxologia dos três hinos do Próprio é a mesma e não é original, porque coincide com a de diversos hinos do Breviário: todos os de Laudes «per annum» (excepto um dos dominicais, que não é do mesmo metro), o de Prima e os de Laudes dos Comuns de muitos Mártires, das Virgens e das não Virgens, etc. Mas a doxologia de S. Vicente, no Próprio, tem uma pequena variante no último verso: *Et nunc, et omne in saeculum,* em vez de *Nunc et per omne saeculum,* de todos aqueles hinos do Breviário. Não podemos deixar de considerar a variante do Próprio como inútil preciosismo e acharíamos preferível abandoná-la pela fórmula comum do Breviário Romano, como tem o Breviário Ambrosiano nos mesmos hinos de S. Vicente.

3 — Não deixaremos, por fim, de ajuntar que os nossos hinos são compostos de quadras de versos jâmbicos dímetros:

bl (ou ll) — bl — bl (ou ll) — bl

Lições de Matinas

Das lições existentes em alguns dos manuscritos atrás citados (os restantes são simples antifonários e não as têm), parece inferir-se que, nos primeiros séculos em que se rezou o ofício de S. Vicente, as lições históricas, que por vezes atingiam o número de doze, eram tiradas das Actas, quer quase literalmente (S_2, H), quer numa forma bastante mais livre (Cl, S_1, Ch, L). Quase todos têm igualmente lições homiléticas de S. Agostinho, sobre o evangelho *Nisi granum.*

Na actual estrutura do ofício, só as lições do II Nocturno são históricas. Não podiam, por isso, tirar-se das Actas, porquanto, ou ficavam de tamanho desproporcional, para constituírem um apanhado assaz completo da vida do santo, ou não o seriam, se fossem extractos do tamanho corrente das lições. Foi, portanto, necessário redigir lições constituídas por um resumo das Actas.

Por falta de suficiente documentação, não podemos dizer se as actuais lições de S. Vicente existentes no Breviário Romano, que são apenas duas (a terceira é de S. Anastásio), derivaram ou não duma redacção primitiva em três lições. O que sabemos é que, no séc. XVI, a legenda existia no breviário do Cardinal Quiñones (dito *Breviarium Sanctae Crucis)* e que sofreu sucessivos retoques nas reformas de S. Pio V e Clemente VIII (5).

Ora nos ofícios particulares em que S. Vicente tem uma festa exclusivamente sua, foi necessário redigir uma legenda em três lições, o que se realizou de diferentes maneiras. Eis aquelas que pudemos examinar:

a) No Breviário Bracarense, as lições são extraídas integralmente do Breviário Romano, mas a segunda encontra-se dividida em duas, a partir das palavras *Sed invictus,* donde resultou uma irregular distribuição do texto pelas três lições.

b) No Breviário Dominicano, a distribuição do texto romano é muito mais regular. Dir-se-ia que se procedeu a rectificações redaccionais, nem sempre felizes, havendo,

---

(5) Dom S. Baeumer, Histoire du Bréviaire, trad. franc. de Dom R. Biron (Paris, 1905), t. II, pgs. 181-182 e 282.

além disso, ligeiros acrescentos e duas palavras suprimidas. Mas não podemos garantir que o texto não dependa de alguma redacção mais antiga.

c) No Próprio de Saragoça, encontram-se três lições históricas mais ou menos livremente redigidas a partir das fontes correntes, indicadas aliás antes da primeira: Sermões de S. Agostinho e de S. Leão (sem dúvida o de S. Leandro), hino de Prudêncio, Actas publicadas por Ruinart.

d) No Próprio de Lisboa e de Faro, as lições estão francamente amplificadas em relação ao texto romano, mormente na primeira parte da segunda lição. Há, além disso, variantes de menor monta, especialmente diferenças redaccionais, constituídas por alterações na ordem das palavras, que nos parecem bastante felizes.

Como não interessa considerar as lições do I e do III Nocturnos, que são, como em Braga, as primeiras, do Comum de um Mártir não Pontífice *(Debitores)*, e as últimas, as do Breviário Romano para o nosso evangelho (cf. em 10 de Agosto: S. Lourenço), damos as lições do II Nocturno, tanto do Breviário Romano como do Próprio, mas de modo que se vejam a parte comum e as diferenças ([6]):

Próprio	Parte comum	Breviário Romano

IV Lição

Vincentius, Oscae in Hispania citeriore natus, a prima aetate studiis ded.tus sacras litteras a Valerio Caesaraugustano episcopo didicit; cujus etiam partes suscepit praedicandi Evangelium, quod episcopus, propter linguae impedimentum, praedicationis officium fungi non poterat. Ea re ad Dacianum, provinciae a Diocletiano et Maximiano praepositum delata, Vincentius Caesaraugustae comprehenditur, et

una cum Valerio episcopo gravibus catenis

vinctus ad Dacianum Valentiam ([6a]) adducitur. Ubi

eos in tetro ac foetido carcere inclusos, inedia, squalore, vinculis ferreis ponderibusque diu affligi fecit.

([6]) O texto comum vai em negro e as partes que se diferenciam só pela ordem das palavras, em itálico. Indicam-se também a altura do início da VI Lição bracarense e, em nota, as variantes do Breviário Dominicano.

([6a]) Brev.º Domin.º:... Valentiam, Hispaniae Tarraconensis insignem urbem, adducitur: ibique verberibus et equuleo torquetur. *V. Lição* — Cum vero nulla...

V Lição

Illos postea Dacianus existimans diuturna carceris maceratione afflictos facile in suam sententiam descensuros, ad se perduci jubet; atque episcopum interpellat, cur religionis specie jussis imperatorum adversetur. Cui cum Valerius miti, et composito sermone respondere videretur, Vincentius ad episcopum conversus: Cur, inquit, tyrannum hunc, Pater, humiliter alloqueris? Clama voce magna, et Dei potentiam implora, ut superbia hominis istius comprimatur (7). Quibus verbis excandescens Dacianus episcopum inde facit abduci, et mox afferri ad se omnia tormentorum genera, et illic sanctum diaconum crudeliter torqueri. Quare

verberibus et equuleo tortus,

in craticula impositus, prunis ardentibus suppositis, et *ferreis* ungulis *excarnificatus, candentibusque laminis exustus,* arvinae guttis, et crepitanti sale respersus, *cum nulla aut tormentorum vi, aut acerbitate,* aut *lenitate verborum a proposito deterreri posset,*

multis praesentibus, *cum nulla (6ª) aut tormentorum vi, aut acerbitate* vel *lenitate verborum a proposito deterreri posset; in craticula impositus, prunis ardentibus suppositis,* ac *ferreis* unguibus *excarnificatus, candentibusque laminis exustus,*

iterum (de)ducitur ad carcerem stratum testaceis fragmentis, ut ejus nudum corpus, somno oppressum, a subjectis etiam testarum aculeis torqueretur.

VI Lição

V Lição

Verum, illo in tenebricosa incluso custodia, clarissimus splendor obortus totum carcerem illustravit: quae lux cum

(7) Esta intervenção do diácono revela que o redactor se não inspirou nas Actas mais conhecidas (tipo Ruinart), mas em tradições que referem uma atitude mais enérgica, como são, por ex., as das Actas publicadas pelos Bolandistas. Cf. *Novellae Olivarum,* Janeiro de 1957, pg. 2, nota (6).

omnes, qui aderant, summa admiratione

summa admiratione omnes, qui aderant (8)

affecisset, res a custode carceris ad Dacianum defertur. Qui eductum in molli (8) culcitra collocat;

ut aliquantulum recreatus acrius denuo torqueretur; aut si amoto paululum carnifice animam quietus exhalaret, non occisus, sed mortuus diceretur. Interea eum caelestis aula suscipit, atque

et quem cruciatus in suam setentiam trahere non poterat, deliciis perducere conatur. *(Breviar.º Bracar.: VI Lição)* Sed invictus Vincentii animus, Jesu Christi fide speque munitus, vicit omnia; et

ignis, ferri, tortorum immanitate superata, victor ad caelestem martyrii coronam advolavit, undecimo Kalendas Februarii. Cujus corpus, cum projectum esset inhumatum, corvus et a volucribus et a lupo unguibus, rostro, alis mirabiliter defendit. Qua re cognita, Dacianus illud in altum mare demergi jubet; sed inde etiam divinitus ejectum ad littus. Christiani sepeliunt.

Os outros elementos do Ofício

Quanto aos restantes elementos, versículos das diversas horas, responsórios breves, capítulas de Horas Menores, não apresentam os ofícios antigo e lisbonense peças próprias, a não ser este último, as referidas capítulas. São tiradas do cap. 11 da Epístola aos Hebreus, muito bem adequado:

I e II Vésperas, Laudes e Tércia

Sancti (9) per fidem vicerunt regna, operati sunt justitiam, adepti sunt repromissiones. *(Hebr. 11, 33).*

---

(8) Brev.º Domin.º:... aderant, affecit. *VI Lição* — Res interim a custode carceris ad Dacianum defertur, qui inde Vincentium, in molli...

(9) Como na epístola de 20 de Janeiro (Ss. Fabião e Sebastião), em que estas capítulas parecem inspirar-se, a palavra *sancti* não provém do texto bíblico; é acrescento litúrgico para encabeçar a frase.

Sexta

Alii autem distenti sunt non suscipientes redemptionem, ut meliorem invenirent resurrectionem. *(Hebr.* 11, *35).*

Prima (Liç. br.) e Noa

Alii vero ludibria, et verbera experti, insuper et vincula, et carceres: lapidati sunt, secti sunt, in occasione gladii mortui sunt. *(Hebr.* 11, *36-37).*

O Ofício da Trasladação
(16 de Setembro)

Este ofício tem de comum com o de 22 de Janeiro (do Próprio lisbonense) as lições do I e do III Nocturnos e os oito responsórios de Matinas, e, além dos versículos de todas as horas e os responsórios breves de Menores, que são do Comum, os três hinos, ainda que diferentemente distribuídos. As restantes peças, exceptuadas as capitulas, que, ao contrário das da primeira festa, provêm igualmente do Comum, são todas próprias. Ei-las, com excepção das lições do II Nocturno, que não nos parece útil transcrever aqui (10):

Invitatório

Translationem beati Vincentii celebremus: * Christum Regem Martyrum venite adoremus.

Antífonas

I Nocturno

1. Erit nobis Vincentii corpus honor et custodia, si in lege Domini fuerit voluntas nostra. *(Ps.* 1, *2).*

2. Frustra in corpus Vincentii fremuerunt gentes, et populi meditati sunt inania. *(Ps.* 2, *1).*

3. Vincentio protegente non timebimus millia populi tenebrarum circumdantis nos. *(Ps.* 3, *7).*

---

(10) A legenda contida nessas três lições históricas resume de maneira bastante feliz a tradição da trasladação de S. Vicente para Lisboa, aproximando-se, porém, mais da versão da crónica de Coimbra, reproduzida por André de Resende, que do relato do chantre Estêvão. V. *Novellae Olivarum,* Janeiro de 1957, pg. 5, com a nota (20). Isto faz-nos pensar nas lições do ofício organizado pelo Cónego Távora, que diz expressamente havê-las tirado da «história» de Mestre Resende. V. supra, nota (4).

II Nocturno

4. Mirificasti, Domine, sanctum tuum, et exaudisti eum pro nobis clamantem ad te. *(Ps. 4, 4).*

5. Tu, Domine, benedixisti justo, scuto bonae voluntatis tuae coronasti eum. *(Ps. 5, 13).*

6. Volucres caeli, et pisces maris Vincentio martyri famulantur. *(Ps. 8, 9).*

III Nocturno

7. Justus Dominus reliquias Martyris sui Vincentii magnificare dilexit. *(Ps. 10, 7).*

8. Ad nihilum deductus est malignus, in conspectu Vincentii, qui timentes Dominum glorificat. *(Ps. 14, 4).*

9. Qui persecuti sunt corpus Vincentii, cogitaverunt consilia quae non potuerunt stabilire. *(Ps. 20, 12).*

Laudes e II Vésperas

1. Vicit impium tyrannum vivens Vincentius, vicit et mortuus. *(S. Aug., III Serm. de S. Vinc.; M. L. 38, 1257).*

2. Vivens tormenta calcavit, mortuus mare transnatavit. *(ibid.)*

3. Ille gubernavit cadaver extinctum, qui animum dedit invictum. *(ibid.)*

4. Corpus Vincentii cura Domini custoditur, et in gloria Domini a fidelibus honoratur. *(Id., II Serm. de S. Vinc.; M. L. 38, 1255).*

5. Exsulta et lauda Dominum, Lisbona felix, quia magnus in medio tui Sanctus Vincentius. *(Is. 12, 6).*

Ad Bened. Ant. In sanctitate et justitia apparuit Vincentius coram Domino, quia odivit animam suam in hoc mundo. *(Luc. 1, 75; 14, 26).*

Ad Magn. Ant. Osca Vincentium genuit, Caesaraugusta stola exornavit, Valentia martyrio coronavit, Lisbona sepultura decoravit.

Quanto aos hinos, o de Matinas é o que em 22 de Janeiro se encontra em Laudes: *Vincenti adesto, et percipe;* e aquele que então se reza em Matinas serve aqui em Laudes e em II Vésperas: *Exsurge, Martyr inclyte.* O hino de Vésperas da primeira festa, *Beate Martyr, prospera,* com o qual começa o poema de Prudêncio, não encontra aqui lugar, não sabemos porquê.

Observações

1 — O invitatório é dum género que recorda um pouco determinados invitatórios do Breviário Romano, como os de certas festas de Nossa Senhora: Natividade, Rosário, Maternidade, Imaculada Conceição, etc., e o da Consagração das Igrejas. Poderia muito bem adaptar-se-lhe a melodia comum dos invitatórios do II modo, seguindo, por ex., o molde do das Cátedras de S. Pedro.

2 — As antífonas de Matinas, como é de boa regra, são tiradas dos salmos correspondentes, os do Comum naturalmente, mas com adaptação ao pensamento da

solenidade, entrando, por isso, frequentemente o nome do santo; e isto feito de maneira que se nos afigura, por vezes, algo ingénua e forçada.

3 — As das Horas solenes inspiram-se em grande parte em S. Agostinho, sem esquecerem a S.ª Escritura, o que nos faz pensar na mão que remodelou as Matinas de 22 de Janeiro.

Conclusões

O problema da eventual reforma do Ofício de S. Vicente rezado entre nós reveste-se de maior melindre que o da Missa. Nesta, como vimos ([11]), não existe a mínima contribuição original da nossa parte ([12]), enquanto o ofício, se bem que largamente baseado no antigo, apresenta boa margem de contribuições locais, o mesmo se devendo dizer do esquema da Trasladação. É pois com redobradas reservas que escrevemos quanto segue.

A solução do referido problema poderia assumir, entre outras, as seguintes modalidades:

1 — Adoptar o antigo ofício na medida em que este oferece os elementos necessários, sem excluir, portanto, as peças não primitivas.

2 — Considerar este último como relíquia da antiguidade, digno de admiração e de museu, mas conservar o actual ofício, que está em uso, entre nós, há um bom par de séculos. Esta solução parece que se deveria impor em qualquer destas duas hipóteses:

a) a de o ofício antigo ter tido uso meramente local e particular;

b) a de o moderno ser inteiramente original, como sucede, por ex., com o que se reza na Diocese de Saragoça.

3— Como nenhuma das referidas hipóteses se verifica, tal como julgamos ter suficientemente provado, poderia sugerir-se uma solução mista, ou de compromisso, como soi modernamente dizer-se. E é esta que tem as nossas preferências. Poderia ela basear-se nos seguintes critérios:

a) conservar do antigo ofício o que ele tenha de primitivo (A); com isso, manter-se-iam, aliás, bastantes elementos actuais, mas restituídos à pureza original;

b) preencher certas vagas com peças actuais (P), que as há de bom quilate;

c) completar o resto por meio do Comum (C), como é e foi sempre necessário nestes ofícios.

Daqui, o esquema que proporíamos:

I e II Vésperas

1. Ant. **Vincenti dabo edere.** 2. Ant. **Vincenti dabo manna.** 3. Ant. **Qui vicerit et custodierit.** 4. Ant. **Qui vicerit faciam.** 5. Ant. **Qui vicerit dabo.** (P) ([13]).

([11]) Cf. *Novellae Olivarum*, Fevereiro de 1957, pgs. 45ss.

([12]) Referimo-nos às duas Missas próprias de 22 de Janeiro; quanto à de 16 de Setembro, a afirmação tem de excluir as orações, sobretudo a colecta.

([13]) Os manuscritos não marcam antífonas para Vésperas, a não ser a do *Magnificat*. E seria pena abandonar este esquema tão interessante tirado do Apocalipse.

Cap. Sancti per fidem. (P). Hymn. Beate Martyr. (P).
I Vps. Vers. Gloria. (C). Ad Magn. Ant. Sacram hujus. (A).
II Vps. Vers. Justus ut palma. (C). Ad Magn. Ant. Jubet invida. (P).
Oração Adesto. (Restaurada).

Matinas

Invit. Vincentem in Martyribus. (P). Hymn. Exsurge, Martyr. (P).

I Nocturno

1. Ant. Sanctus Vincentius a pueritia. 2. Ant. Sanctitate quoque. 3. Ant. Valerius igitur. (A).
Vers. Gloria et honore. (C).
Lições de Comm. Debitores (C).
1. Resp. Sacram praesentis. 2. Resp. Sanctus Vincentius. 3. Resp. Levita Vincentius. (A).

II Nocturno

4. Ant. Tanto namque. 5. Ant. Levita Vincentius. 6. Ant. Jam tibi, fili. (A).
Vers. Posuisti, Domine. (C).
Lições Vincentius Oscae. (P) [14].
4. Resp. Ecce jam. 5. Resp. Assumptus ex equuleo. 6. Resp. Beatus Dei. (A).

III Nocturno

7. Ant. Beatus Vincentius cujus. 8. Ant. Nefarium tamen. 9. Ant. Profitemur enim. (A).
Vers. Magna est gloria. (C).
Lições Amen, amen,... nisi granum. (P).
7. Resp. Agnosce, o Vincenti. 8. Resp. Gloriosus Dei. (A). Te Deum.

Laudes

1. Ant. Assumptus ex equuleo. 2. Ant. Intrepidus itaque. 3. Ant. Hinc horrendo. 4. Ant. Agnosce, o Vincenti. 5. Ant. Dantur ergo. (A).
Cap. Sancti per fidem. (P). Hymn. Vincenti, adesto. (P).
Vers. Justus ut palma. (C). Ad Bened. Ant. Egregius Dei. (A).

Horas Menores

Antífonas de Laudes.
Prima. Lição br. Alii vero ludibria. (P).

---

[14] Sob reserva de correcções sugeridas por estudo mais completo.

Tércia. Cap. de Laudes. O resto, do Comum.
Sexta. Cap. **Alii autem distenti.** (P). O resto, do Comum.
Noa. Cap. **Alii vero ludibria.** (P). O resto, do Comum.

Quanto ao Ofício da Trasladação, limitar-nos-emos a sugerir ràpidamente quanto segue:

a) Conservar do esquema anterior o que não é específico desta solenidade: Os hinos, não como se encontram actualmente, mas como estão em 22 de Janeiro; as lições do I e do III Nocturnos; todos os responsórios; todos os versículos; e mesmo todas as capítulas (com a lição breve de Noa), em vez das que estão actualmente, que são do Comum; os responsórios breves.

b) Manter próprio o que está: todas as antífonas; a oração; o invitatório de Matinas; as lições do II Nocturno.

Conclusão geral

Após esta longa exposição, mantem-se-nos o mesmo sentimento, manifestado ao princípio, de que não podíamos dar uma visão completa do assunto. A parte textual, sobretudo em certos pontos, teria de ser retomada com base em mais ampla e completa documentação ([15]). Mesmo assim, o trabalho feito não nos parece carecer de utilidade.

De facto, as reformas litúrgicas estão na ordem do dia e o Decreto Geral *Cum nostra*, de 23 de Março de 1955, que ordena algumas reformas nas rubricas da Missa e do Ofício, mantém-nos em franca expectativa, pois a mesma proibição de se introduzirem aquelas alterações nas novas edições dos livros litúrgicos faz-nos esperar que não demore muito a reforma definitiva, que o referido decreto, aliás, anuncia nas entrelinhas.

Quando ela vier, todos os Próprios particulares terão de ser refundidos e, entre eles, o nosso. E não será oportuno ir desde já preparando os necessários elementos, dentro das orientações actuais, que exigem o recurso às fontes?

Não foi intenção nossa intrometer-nos em esfera que não é das nossas atribuições, nem antecipar-nos a quem de direito compete decidir em tal assunto. Mas pareceu-nos bem contribuir com o nosso esforço para desbravar um terreno ainda inculto entre nós, ao menos em grande parte ([16]). Tal foi o objectivo deste trabalho ([17]).

([15]) Seria preciso, por ex., solucionar definitivamente a questão da epístola e estudar a origem e a transmissão dos textos próprios actualmente em uso.

([16]) É sabido que o Dr. António Garcia de Vasconcelos, de grata memória, estudou e restaurou os textos litúrgicos do Próprio de Coimbra. E nós, em Lisboa, estamos usufruindo em parte desse trabalho, nas festas de S. Teotónio e de Santa Isabel.

([17]) Sem falar do nosso calendário santoral, que seria oportuno rever, outros problemas há que precisam da devida atenção. Assim, por ex., o Ofício de Santa Catarina que se reza em Lisboa (25 de Novembro), que é o antigo (séc. XI?), contém interpolações de que se impõe expurgá-lo. Talvez um dia se nos proporcione tratar do assunto nesta revista.

Um esquema de pregação litúrgica para o mês de Maio

Insiste-se muitíssimo e a cada passo na necessidade de os fiéis se impregnarem da vida litúrgica da Santa Igreja apropriando-a à vida de piedade de todas os dias. Mas, afinal o que é a vida litúrgica?

Na carta magna da liturgia, a encíclica «Mediator Dei», S. S. Pio XII definia-a como sendo «o culto integral do Corpo Místico de Jesus Cristo, i. é, da Cabeça e dos membros»; e imediatamente antes redundava desta maneira: «A Sagrada Liturgia é o culto público que o nosso Rendentor rende ao Pai como Cabeça da Igreja e que a sociedade dos fiéis rende ao seu fundador e, por Ele, ao Pai Eterno». Podemos, portanto, distinguir na vida ou acção litúrgica dois estádios: o primeiro, «o culto público que o nosso Redentor rende ao Pai como Cabeça da Igreja»; o segundo, «o que a sociedade dos fiéis rende ao seu Fundador e, por Ele, ao Pai Eterno».

Temos, pois, que viver a liturgia é viver verdadeiramente dimensionado num sentido eclesial, consciencializando a nossa posição na Igreja como membros vivos e activos de um corpo de que Cristo é Chefe e Cabeça — o Sacerdote.

Jesus, sendo Deus, é objecto do nosso culto; mas, como Homem-Deus, substitui-nos, de certa maneira, perante Deus, nos seus actos de infinita adoração e satisfação ao Pai. Este culto, exercia-o já, segundo certo aspecto, o Verbo pelo Espírito Santo no seio da Trindade, como «Cantor do Pai» em nome das criaturas; com efeito, estas foram criadas participando das perfeições divinas e segundo o Eterno Pensamento de Deus — o Verbo: «Tudo, por meio d'Ele, começou a existir e, sem Ele, coisa alguma começou a existir» (Jo. 1-3).

Como homem toda a vida de Jesus constitui-se numa função cultual supletiva, ou melhor, integrante do louvor finito que os homens devem ao Pai, elevando-o em Si a actos infinitos de adoração, satisfação, impetração e acção de graças. A vida histórica de Jesus vive-a agora a Santa Igreja, celebrando o ano litúrgico não como simples comemoração mas numa real vivência do mistério de Cristo. «É o próprio Cristo, que vive sempre na Igreja e nela prossegue o caminho de imensa misericórdia que iniciou nos dias de sua vida mortal, quando passou fazendo o bem, com o fim de pôr as almas em contacto com os seus mistérios e fazê-las viver por eles». (Cf. Med. Dei).

É assim que a Igreja, Corpo Místico de que Cristo é a Cabeça, deseja que todos os membros façam seus cada ano os próprios sentimentos de Jesus, que vivam com Ele o seu Natal, a sua Paixão e Ressurreição, a santificação do mesmo Corpo Místico pela acção do Espírito Santo. Só assim os fiéis se podem integrar perfeitamente na acção

litúrgica de Cristo que outra coisa não é, afinal o Culto Público da Igreja. E isto não é um mero capricho, uma vã abstracção. Depois da incarnação do Verbo a nossa religião não tem sentido senão em Cristo. E porque Cristo nos constituiu em Igreja, toda a nossa vida se deve expressar em Igreja também.

É pois conforme os vários e ordenados motivos propostos nos diversos tempos litúrgicos pela Sagrada Liturgia que devemos ordenar a nossa vida pessoal e social de piedade, sentir verdadeiramente com Cristo, nossa Cabeça, e a Santa Igreja, nossa Mãe. Diz o Santo Padre: «Acresce que a Igreja, Mãe piedosa, enquanto propõe à nossa contemplação os mistérios de Cristo, com as suas orações invoca as graças sobrenaturais por cujo meio os seus filhos, por virtude de Cristo, se compenetram do espírito destes mistérios». E Pio XII insiste: «É absolutamente necessário que os cristãos vivam a vida da Liturgia e alimentem e fomentem o seu espírito sobrenatural». Isto não é condenar formas privadas de devoção que a Santa Igreja sempre houve em muito apreço e que são vivamente aprovadas e recomendadas por Pio XII na mesma encíclica: «Há ainda outros exercícios de piedade que, se bem não pertençam, em rigor, de direito à liturgia, revestem particular importância e dignidade; de modo que são considerados como de certa maneira enquadrados no ordenamento da Liturgia». E Pio XII aponta entre outros, a devoção do mês de Maio.

Tão arreigadas estão esta e outras devoções no sentir dos fiéis que faria obra prejudicial, sem dúvida, quem a respeito dum mal entendido espírito litúrgico desprezasse sistemàticamente estas formas de piedade. E também de modo semelhante, embora por oposto, quem a elas se dedicasse tão «devotamente» que por sistema desprezasse o espírito dos tempos litúrgicos «em detrimento das sagradas funções e contràriamente à sã piedade». Tão vincado está respeito pelo espírito litúrgico na Igreja que os últimos esforços reformadores neste campo tentam precisamente repor as funções litúrgicas nas horas mais convenientes aos fiéis, para que estes as possam viver sem se desviarem para outras, boas sem dúvida, mas sempre alheias à acção litúrgica. Não se trata já das funções em honra de Santo Expedito ou Santa Filomena em dias de Páscoa ou Pentecostes, mas mesmo daqueles actos que sendo até «de-certo modo enquadrados no ordenamento litúrgico», como a Via Sacra na semana santa, por vezes ganham realce que só é devido ao culto estritamente litúrgico.

Exemplifiquemos mais no caso que nos interessa: o mês de Maio coincide (...) em geral com o tempo que progride da Páscoa até depois do Pentecostes. Seria um erro não o celebrar por não estar rigorosamente enquadrado na liturgia do tempo; mas não menor mal seria, e infelizmente é o que se vê na maior parte das nossas igrejas, celebrá-lo sem qualquer conexão com o tempo litúrgico, sem impregnar essa devoção tão querida de todos do verdadeiro espírito litúrgico, obliterando-o até, sempre com dano espiritual para todos.

No tempo pascal a Santa Igreja «comemora o triunfo de Cristo, a nossa alma é inundada de íntima alegria e havemos de pensar que também nós devemos ressuscitar, juntamente com o Redentor... oferecendo-nos a Deus plena e generosamente e esquecendo esta terra mesquinha para pormos no céu todas as nossas aspirações»; e precisamente neste tempo em que todos os sacerdotes e fiéis se haviam de preocupar em receber os ensinamentos e os frutos próprios dele, celebram-se os «meses de Maria» já feitos, de cartilhas dos séculos passados, daqueles que servem para todos os anos.

Uns são autênticos tratados de Mariologia, outros perdem-se em mil considerações afectivas; a maior parte deles recheados de exemplos já «clássicos» e sem qualquer sentido de oportunidade. Não se trata de fazer do mês de Maria um curso de formação Mariana que deve ser regulada metòdicamente ao longo da liturgia Marial da Igreja; nem também de seguir qualquer espécie de esquemas doutrinais; mas de o viver com a Igreja no espírito do tempo, ao sabor das ocorrências, sempre numa dedicação e vivência marianas.

Por vezes faz-se do culto de Maria um culto absoluto quando a verdade é que o Mistério de Maria só é totalmente compreendido quando integrado nas dimensões do Mistério de Cristo; a Mariologia não terá sentido pleno senão à luz do Cristologia e em especial da Soteriologia. O mês de Maria só será espiritualmente frutuoso para as almas quando se integrar no espírito do tempo em que se celebra. Isto supõe evidentemente que o esquema de pregação a usar neste mês, e este caso do mês de Maio pode ampliar-se perfeitamente a outros semelhantes, nunca poderá ser um figurino a servir todos os anos, mas pelo contrário deve variar de ano para ano, como varia também todos os anos a relação do mês de Maio com o tempo pascal.

Fazer esta integração na vida litúrgica é o dever de todos nós. Na Igreja só há uma vida cultual pública e é portanto necessário que todas as devoções privadas se aproximem, vivam mesmo da Liturgia.

O esquema que se segue, se não houver outro mérito, será ao menos útil para fazer despertar ou encorajar este dever de todos os sacerdotes para maior bem dos fiéis. É evidente que sendo elaborado para o presente ano, dificilmente poderá ser usado em anos posteriores.

DIA 1 — Trabalho

a) Necessidade e obrigação do trabalho
b) Valor natural e sobrenatural do trabalho
c) Sua realização plena pela Família Sagrada

DIA 2 — Vida Familiar

a) A família cristã — colaboração com Deus criador e redentor
b) Deveres dos diversos membros da família entre si
c) O exemplo de Nazaré

DIA 3 — A vitória da Cruz

a) Pecado e redenção
b) Desde toda a eternidade Maria é associada à vitória da Cruz
c) Imaculada Conceição

DIA 4 — Maternidade de Maria

a) Imaculada Conceição em ordem à Maternidade Divina
b) A ternura do Coração Imaculado de Maria e a beleza das almas que vivem de Deus
c) Para recebermos em nós os frutos pascais há necessidade de nos despojarmos do homem de pecado

DIA 5 — Bom Pastor

a) Jesus é o bom Pastor que nos veio reconduzir ao redil como a ovelhas tresmalhadas
b) Para tal Jesus deu a vida pelas suas ovelhas
c) A ressurreição de Jesus derramou no mundo as misericórdias divinas, os sacramentos, os crismas e as graças de santidade e de mística ressurreição na Igreja

DIA 6 — Maria nossa Mãe

a) Maria desde o calvário começa a ser oficialmente a Mãe dos homens
b) A maternidade de Maria é o elo de ligação entre Jesus e o Seu Corpo Místico
c) Maria pela sua missão maternal ajuda os homens a ouvirem o apelo do Bom Pastor

DIA 7 — Anunciação e Maternidade

a) Já na Anunciação Maria aceitara as exigências da Maternidade do Cristo Místico
b) Desde logo mostrou inteira submissão e prontidão de alma
c) Esta submissão e prontidão são-nos necessárias para se formar em nós o novo homem Pascal

DIA 8 — Visitação e Caridade

a) Pelo Baptismo, sendo encorporados no Cristo Místico, tornamo-nos solidários de Cristo e de cada um de seus membros
b) A União do Corpo Místico realiza-se na Caridade
c) Maria, a mais santa das criaturas, dá-nos o exemplo de Caridade activa indo ajudar sua prima nas horas difíceis

DIA 9 — Aceitação e disponibilidade a florir na virtude da humildade

a) Destruição do velho fermento do orgulho pelo novo da humildade
b) Reconhecimento e aceitação dos dons divinos e do nosso nada
c) Como Maria realiza a virtude da humildade cujo esplendor sobressai no «Magnificat»

DIA 10 — Penitência — mortos com Cristo para o pecado, ressuscitados com Ele para a vida

a) A Ressurreição de Cristo exige a penitência da nossa vida
b) Modalidades e finalidade da nossa penitência
c) Necessidade da penitência; Maria, em Fátima como mãe solícita, lembrou-nos esta obrigação

DIA 11 — O Triunfo de Jesus e o alimento das almas

a) Jesus, Bom Pastor, nosso Mestre, nosso Alimento
b) Nossa Senhora do Bom Conselho e do Santíssimo Sacramento
c) Pela comunhão, sacramento da unidade na caridade, o fiel unindo-se a Jesus fica mais unido a Maria e aos demais cristãos

DIA 12 — Peregrinação nesta terra em ordem à Eternidade

a) A nossa vida contingente face aos novíssimos
b) A nossa vida em Jesus há-de ter um sentido de regresso ao Pai
c) «Fazei o que Ele vos disser» — Maria aponta-nos o verdadeiro caminho

DIA 13 — Mensagem de Fátima

a) Enquanto viveu na terra, a solicitude maternal de Maria exerceu-se no silêncio
b) Esta maternidade de Maria continua-se numa vigilância de cada hora sobre a Igreja
c) Vigilante e atenta, digna-se visitar seus filhos nas horas adversas

DIA 14 — Oração

a) Jesus pela palavra e pelo exemplo, ensina-nos a orar: qualidades requeridas para a oração eficaz
b) Em Fátima, a Santíssima Virgem urgiu a necessidade da oração
c) A oração em família é fonte de bênçãos e de felicidade para o lar

DIA 15 — Oração pela Sagrada Hierarquia

a) A Hierarquia sacerdotal da Igreja, depositária do Sacerdócio de Cristo
b) Credora da oração de todos, o próprio Jesus rezou por ela
c) Em Fátima, Maria, Rainha do Clero, lembrou-nos a necessidade de participarmos na prece de Jesus e da Igreja

DIA 16 — O Breviário dos fiéis

a) As verdadeiras perspectivas do Rosário enquanto ligado aos mistérios de N. S. Jesus Cristo
b) Não sendo em absoluto necessário para a salvação, é devoção muito útil, vivamente recomendada pela Santa Igreja e especialmente pedida pela Virgem Santíssima
c) Seu lugar especial no culto mariano e obrigação de prestarmos este culto individual e socialmente

DIA 17 — Virgem Pura

a) A ressurreição de Jesus impele-nos à vitória sobre a carne
b) Castidade: dignidade, necessidade, perigos, remédios
c) Exemplo de Maria. A devoção a Maria salva da impureza

DIA 18 — Acção do Espírito Santo na Igreja

a) Espírito de santificação e Mestre da Verdade
b) É na Igreja princípio da unidade na Fé e na Caridade
c) Acção de Maria na primitiva Igreja. O Espírito Santo exige de todos a colaboração na edificação do Corpo Místico de Cristo

DIA 19 — Acção do Espírito Santo nas almas

a) A vitória de Jesus em nós precisa de ser completada com a acção do Espírito Santo
b) O Espírito Santo, presente em nós no estado de graça, é fonte vital de amor que nos incorpora e nos assimila a Cristo e em Cristo nos conduz ao Pai
c) Maria, a cheia de graça. A acção do Espírito Santo na alma de Maria

DIA 20 — Senhora do Silêncio

a) O silêncio das obras de Deus
b) A Virgem Santíssima guardava todas as coisas no seu coração
c) O recolhimento é condição indispensável para colaborar com o Espírito Divino na obra da nossa salvação e santificação

DIA 21 — Senhora da Paz

a) Somos todos Um pelo mistério do sangue e da cruz — Jesus desfez todas as inimizades na sua carne
b) Jesus é a «nossa Paz» — n'Ele temos acesso pelo Espírito Divino à paz da Trindade Santíssima
c) Como Maria colabora nesta obra da paz de Cristo totalmente diferente da do mundo.

DIA 22 — Senhora da Alegria

a) A ressurreição de Cristo é a fonte da nossa alegria de resgatados, de filhos de DEUS e de herdeiros do Céu
b) Só a alegria cristã é a verdadeira alegria porque é fundamentada no dom de DEUS
c) Só Maria, mais do que ninguém, pode viver na verdadeira alegria

DIA 23 — Nossa Senhora Medianeira

a) *Jesus, no seu sacerdócio, é pelo Espírito Santo o Medianeiro entre Deus e os homens.*
b) *Maria enquanto associada a Jesus na obra da redenção dos homens*
c) *Maria, Omnipotência suplicante, Medianeira de todas as graças*

DIA 24 — Nossa Senhora Auxiliadora

a) *A acção da Providência Divina em especial na obra da nossa redenção e santificação*
b) *Aprouve também à Providência Divina o concurso da solícita maternidade auxiliadora de Maria*
c) *Isto exige de nós inteira e total fé, confiança e amor para com Deus e a Virgem Santíssima*

DIA 25 — Mãe da Igreja

a) *A Igreja — prolongamento de Cristo — exerce no mundo a acção salvífica de Jesus*
b) *A Igreja, preparada no Antigo Testamento e fundada por Jesus, só floresceu plenamente após a ressurreição do Senhor e a vinda do Espírito Santo*
c) *Influxo real e activo de Maria na formação visível e espiritual da Igreja*

DIA 26 — O Senhor resgatou o seu povo

a) *É esta a alegria que a Igreja nos faz viver no tempo pascal*
b) *Jesus deu-nos o direito de em seu nome falarmos a Deus como a um pai*
c) *Para corresponder a esta dignidade de resgatados por Cristo, vivamos na autêntica liberdade de filhos de Deus*

DIA 27 — Miséria e misericórdia

a) *O homem do pecado*
b) *O Deus da Santidade*
c) *Por Maria, Deus veio ao encontro do homem*

DIA 28 — O homem, outro DEUS

a) *O homem e a sede do mais*
b) *A natureza humana sobrenaturalmente elevada antes do pecado origi-*

nal, foi de novo, por Jesus e com Jesus reintegrada no plano sobrenatural da vida divina

c) Foi em Maria que Deus encontrou a natureza humana e a elevou

DIA 29 — Consumação

a) Jesus triunfante no seio de Deus espera pela sua Igreja, Esposa mística

b) A Igreja terrestre purifica-se e vai ao encontro do Esposo Divino gloriando-se no cortejo esplendoroso de seus santos

c) Maria a primeira criatura plenamente unida ao triunfo de Cristo — Assunção

DIA 30 — Ascensão

a) A ascensão de Jesus ao Céu é para nós a esperança da nossa plena glorificação

b) A ascensão de Jesus e a missão evangelizadora universal da Igreja — O dever de todos os católicos contribuirem para a obra das missões

c) A ascensão de Jesus é o penhor da vinda do Espírito Santo. Com Maria preparemo-nos para esta vinda santificadora

DIA 31 — Glória e realeza de Maria

a) Maria é a Mãe do Homem Deus e a sua colaboradora na obra da redenção

b) Maria é a mais perfeita e a mais santa de todas as criaturas

c) Com Maria todos nós somos chamados a reinar com Jesus. Desde já trabalhamos no reinado do seu Coração Imaculado

J. ROCHA ALCOBIA

ARQUITECTURA E LITURGIA

A PROPÓSITO DA IGREJA DE MOSCAVIDE

O PROBLEMA

Sabemos pela história que os monumentos de arte sacra foram sempre espelho fiel dos aspectos dogmáticos a que o seu tempo era mais sensível. Nem podia ser de outro modo: a arte sacra tem de ser viva, quer dizer, embeber-se do espírito do seu tempo, sem afastar-se do seu fim.

E aqui está uma poderosa causa interna do renovamento da arte sacra, que a faz moderna sem cortar com a Tradição. Isto é possível sempre que evolução homogénea da tradição dogmática for acompanhada pela evolução homogénea da tradição artística.

Importa pois determinar quais os valores dogmáticos que a moderna arquitectura religiosa deve reflectir e favorecer. E neste campo é uma felicidade para os artistas cristãos que a pastoral moderna viesse pôr. em foco aquilo que é essencial no Cristianismo: a realidade do Corpo Místico.

TEOLOGIA DA PARTICIPAÇÃO

Para que a unidade deste Corpo se manifeste externamente, é necessária a participação comunitária e activa no sacrifício da Missa , explicitando cada qual realmente a sua adesão à oferta vicarial da cruz. E já que nem todos os cristãos, dispersos no tempo e no espaço, podiam estar presentes junto ao Calvário, o Senhor inventou maneira de trazer o Calvário junto a cada qual. Para isso instituiu a Santa Missa como *re-presentação* em todos os tempos, do sacrifício da Cruz. É deste sacrifício primeiro que mana a graça baptismal que nos une a Cristo, como membros de um corpo de que Ele é a Cabeça, e assim nos torna dignos de participar na sua *re-ligião* com o Pai.

Cristo, pela consagração, vem até nós naquele estado de Vítima, que exprime o acto supremo de louvor, de acção de graças, de submissão total ao Pai, e nos merece o resgate dos nossos pecados. Na Cruz como no altar, é Cristo que se oferece como cabeça do seu Corpo Místico. E por isso, na cruz como no altar, é «Cristo-total» que é a Vítima, é «Cristo-total» que oferece (1).

---

(1) A expressão «*Cristo total*» é empregada por S. Agostinho para indicar o Corpo da Igreja: Cristo e todos os seus membros.

Desta maneira a humanidade toma parte na obra da salvação, como convinha à justiça divina.

E no momento da consagração que os fiéis, reunidos à volta de Cristo e do Seu ministro directo (que oferece em nome deles também), se ligam mais intimamente a Cristo e, por Ele, ao Pai.

Esta ligação (=re-ligião) dos fiéis com Deus é manifestada pela comunhão da vítima. E, se bem que baste a comunhão do sacerdote, para manifestar-se esta ligação, a Igreja deseja que os fiéis comunguem sacramentalmente porque assim se simboliza e aumenta a união dos fiéis entre si e com Cristo (2).

A Pastoral Litúrgica insiste na necessidade de manifestar externamente esta comunhão nos mesmos sentimentos.

A participação activa exige que os fiéis se unam às orações e cantos do sacerdote, de modo a fazerem uma só voz aqueles que não têm mais que um coração. E assim que os fiéis manifestam cumprir o conselho Paulino: «tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo».

ESPAÇO COMUNITÁRIO DA IGREJA

É por isso necessário que o espaço da igreja signifique e, de algum modo, realize esta união dos fiéis entre si e com o ministro do altar. Neste momento histórico, em que o movimento litúrgico renova a Liturgia comunitária da Igreja, é interessante observar que a arquitectura moderna tende a renovar (não digo: ressuscitar) o espírito da arquitectura basilical, em que aquela liturgia teve expressão mais pura. No Congresso de arte sacra de Bolonha (1955) foi o próprio Cardeal Lercaro que insistiu com os 500 arquitectos congressistas a verem na Basílica «a representação espiritual da assembleia cristã (3).

Em Moscavide parece ter-se atendido a isso.

Os arquitectos consideraram que a participação comunitária no sacrifício do altar era a trave-mestra de toda a Liturgia. Por isso aproveitaram tudo o que concorresse para a estruturação desta ideia e afastaram sistemàticamente quanto a pudesse contrariar.

Logo de entrada o fiel atravessa um espaço de transição definido pela superfície inferior da tribuna, projectada para a frente e à primeira vista baixa demais,

---

(2) O Concílio de Trento vê na comunhão dos fiéis «sinal de unidade», vínculo de caridade» e «símbolo de concórdia» (Denz. 882). Já S. Paulo dizia: «sendo muitos, formamos um só corpo, nós todos os que participamos dum mesmo pão.» E a Igreja primitiva não queria outra coisa, quando rezava ao Senhor: «Assim como os grãos de trigo estavam dispersos pelos montes, e, reunidos, fizeram um só pão que agora partimos, assim, dos confins da terra, se congregue a tua Igreja no teu Reino (Didakê, IV, 4).

(3) «No entanto, notemos bem, não se trata, de modo algum, de copiar e imitar simplesmente formas do passado, mas sim de um verdadeiro renascimento da casa de Deus, que, por meios adaptados ao nosso tempo, assegure à comunidade que celebra os santos mistérios, uma igreja ordenada a uma tal celebração comunitária e onde é conservada a estrutura hierárquica» (Da comunicação ao congresso de Pastoral Litúrgica de Assis (1956) feita por Mons. Dr. J. Wagner, Secretário da Comissão Litúrgica do Episcopado Alemão e Director do Instituto Litúrgico de Tréveris — cf. «Maison-Dieu» n.º 47-48, pág. 113).

para levar o homem a concentrar-se sobre si mesmo, despojando-se dos ecos barulhentos dum mundo leviano. E, depois de circundar a pia baptismal que lhe lembra a graça que o fez digno de participar, como membro duma multidão de irmãos, no culto que Cristo presta ao Pai, o Cristão, à medida que avança, mergulha naquele volume interior, que, pela atmosfera de paz e silêncio, produz na alma a sensação de tranquilidade e leveza que a projecta para fora de si mesma e cria o estado de recolhimento onde as almas se podem encontrar.

Mas, afora estes elementos de inegável valor, é sobretudo pela concepção do espaço que se garante a comunhão da assembleia entre si e com o altar. Ele é realmente o centro vital da igreja e o lugar em que se juntam as atenções de todos os fiéis.

Aqui está, sem dúvida, o grande valor da igreja de Moscavide: espaço profundamente comunitário (4) centrado sobre o altar.

Nem podia ser doutro modo, se atendermos ao papel que o altar tem a cumprir no espaço sagrado:

O altar é o centro vital da igreja pelo seu alto simbolismo. Se a Liturgia tem visto, em cada templo, a imagem do Corpo Místico, o altar sempre foi tido como símbolo do próprio Cristo. De facto a tradição tem aplicado figurativamente ao altar a palavra de S. Paulo: «petra autem erat Christus». E quem assistiu já à Sagração dum altar lembra-se como a Liturgia o identifica com Cristo. Na ordenação dos subdiáconos, o Bispo adverte-os do respeito que devem ter ao altar porque «altare ipse est Christus.

O altar é o centro vital da Igreja pela sua função. É nele que o Céu se liga com a Terra, quando o Cordeiro Imaculado se imola connosco ao Pai. Ele é a mesa, à volta da qual se reune o Povo de Deus, antecipando o banquete da Jerusalém celeste: sempre que comemos deste pão e bebemos deste cálice anunciamos a morte do Senhor até que Ele Venha (5).

O altar é o centro vital da piedade cristã, pois o Senhor nele quer prosseguir o Seu oferecimento ao Pai. Aí O podemos adorar, aí podemos acorrer como «veados às fontes da água viva», porque o tabernáculo é realmente a «tenda de Deus no meio dos homens» (6).

Em Moscavide tudo concorre para fazer do altar o centro vital da igreja: a

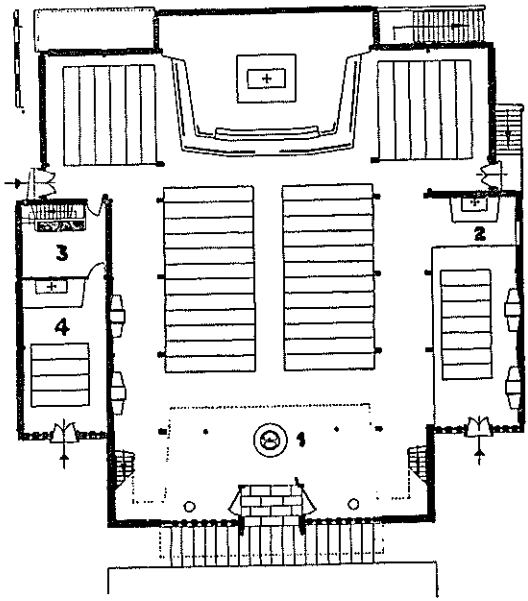
---

(4) É notável, neste aspecto, a maneira como se encarou o problema da tribuna. Era precisa para alargar a lotação da igreja e criar uma zona intermédia entre o exterior e o corpo da igreja. Por isto e também para evitar que os fiéis da tribuna se sentissem separados dos outros, ela ficou bastante baixa. Mas só assim atinge os dois fins.

(5) Cf. S. Paulo, I Cor. XI, 26.

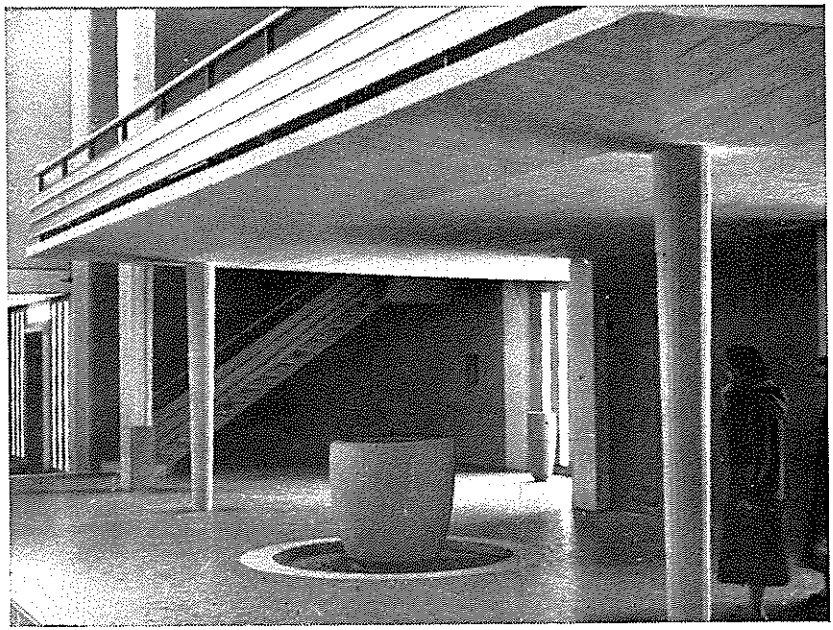
(6) Depois do discurso do Santo Padre ao Congresso de Pastoral Litúrgica de Assis (22-Set-56) já ninguém pode afirmar não ser legítimo ou conveniente que o Sacrário esteja sobre o altar. «A Pessoa do Senhor — diz o Papa — deve ocupar o centro do culto, porque é ela que unifica, as relações entre o altar e o tabernáculo e lhes dá sentido... Separar, do altar, o tabernáculo é separar duas coisas que devem estar unidas pela sua natureza e pela sua origem».

Há quem não queira o Sacrário em cima do altar, porque parece impróprio que o símbolo de Cristo sirva de sustentáculo a uma peça material (e também por dificultar a celebração «versus populum»). Ora isto é uma falta de perspectiva: na verdade, o símbolo não deve permanecer contra a realidade da presença eucarística.

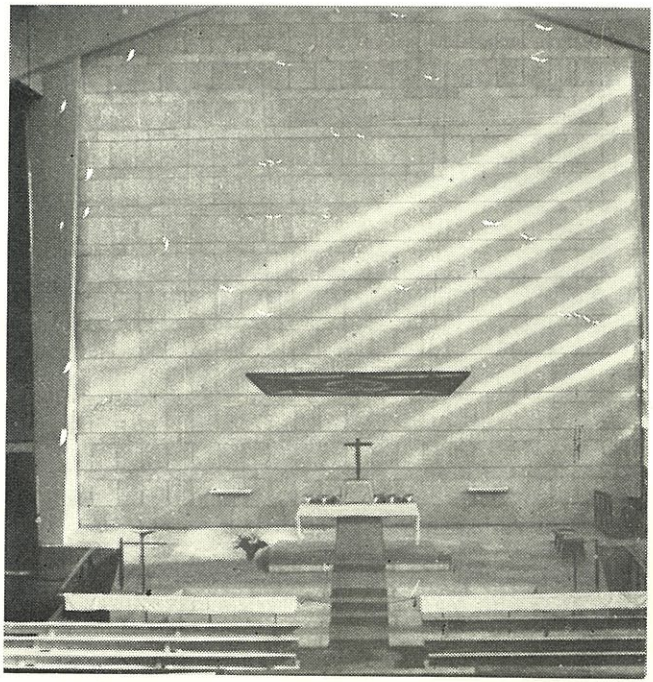


PLANTA

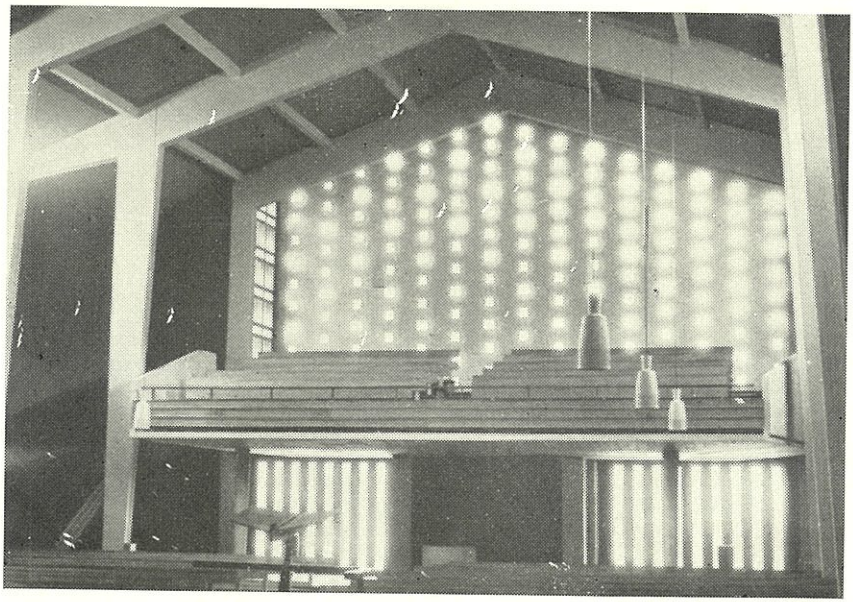
1 — BAPTISTÉRIO
2 — CAPELA LAT.
3 — SACRISTIA
4 — CAPELA PRIVATIVA



ENTRADA E BAPTISTÉRIO



SANTUÁRIO



CORPO POSTERIOR DA IGREJA VISTO DO SANTUÁRIO

organização convergente da planta, o ritmo das estruturas em direcção ao altar, o estudo da luz, mais intensa no Santuário e mais atenuada no corpo da Igreja ([7]).

A esta primazia do altar-mor não é estranha a sua própria forma: é um belo monolito de granito rosado, em forma de mesa, com o pé estilizado em tronco de pirâmide.

É nobre, simples, belo.

Já que tudo para ele se orienta, tudo o que pudesse atenuar-lhe o relevo, se evitou. Assim, deixou-se livre a parede do fundo ([8]), para afirmar que é no altar que tudo tem o seu fim (como em Cristo), afirmação vincada pelo contraste com a parede da fachada, mais leve e de menor consistência, como se não quisesse ser barreira entre os fiéis que assistem à Missa e o resto da Igreja que fica de fora ([9]).

Foi ainda a preocupação de não criar barreiras entre o altar e os fiéis, que fez reduzir a balaustrada da comunhão, (O que está certo, pois é errado tratá-la como mesa, porque «a verdadeira mesa santa é o próprio altar» ([10]). Reduziu-se também a forma dos ambões a um apontamento esquemático — o que não parece tão conforme à sua dignidade.

A iconografia existente foi colocada em segundo plano, também para não diminuir a primazia do altar ([11]).

Só há um elemento que pode desviar a vista do altar. Refiro-me aos candieiros. Talvez fosse melhor ter escolhido para eles uma cor que se confundisse com a cor ambiente, pois o branco dá-lhes um relevo que eles não merecem e faz distrair.

Mas se o altar é o centro vital da assembleia, é preciso igualmente que esteja separado do corpo da igreja, embora não distanciado dela. E isto também em virtude do seu simbolismo e da sua função, que fazem sagrados por excelência o altar do sacrifício e o espaço que o circunda. A tradição tem rodeado o altar de um espaço que é o «Sancta Sanctorum» da Nova Aliança. E por isso em Moscavide se fez, do santuário, espaço à parte, mas plenamente integrado no conjunto. Todo o Santuário assenta sobre um plano mais elevado e a sua cobertura ergue-se acima do tecto do

---

([7]) Quanto à cor, é pena que não ficasse também polarizada no santuário. Sabemos ter sido uma surpresa das tintas. Mas talvez se consiga remediar, atenuando a luz do corpo da igreja que, de resto, parece muito intensa a certas horas do dia. Para isso bastará pôr vidros fumados na abertura horizontal junto ao tecto.

([8]) Em Moscavide não se atendeu ao trono. É difícil construí-lo sem fazer do altar o seu primeiro degrau. Não queremos pronunciar-nos sobre a legitimidade desta ausência. Sabemos que os tronos nasceram no séc. XVI para afirmação solene de presença eucarística, contra a negação protestante. Mas terá ele entrado de tal maneira na nossa tradição, a ponto de não se conceber, entre nós, uma igreja sem trono? — O assunto não foi ainda estudado suficientemente, para se poder arriscar uma resposta razoável.

([9]) Claro, que esta interpretação simbólica não desconhece a finalidade funcional das duas paredes. Simplesmente se afirma que se resolveu simbòlicamente essa função.

([10]) Directoire pour la Pastoral de La Messe — n.º 46.

([11]) Habituados, como estamos, aos altares repletos de imagens (contra as normas severas da «Mediator Dei» (n.º 154), já se tem dito que a Igreja de Moscavide tem pouca iconografia. Compreende-se: trata-se de remar contra o abuso das devoçõezinhas. Para endireitar a vara torta, é preciso torcê-la para o lado oposto... Mas a iconografia não é assim tão pouca: há os crucifixos dos altares, há uma imagem monumental de Santo António, uma imagem de Nossa Senhora, e a pintura do baldaquino. Ainda não foi colocado o vitral nem o baixo-relevo.

corpo da igreja, o que permite lançar directamente sobre a frente do altar uma larga faixa de luz, sem que os fiéis vejam a entrada desta.

O espaço do santuário, como é tradicional, está delimitado por uma balaustrada, onde os fiéis se apoiam para receber a comunhão. Apesar de simples, o alumínio dourado empresta-lhe a dignidade merecida. Todo o largo espaço é desimpedido — o que permite o desenrolar das cerimónias mais solenes. Foi atendendo à dignidade do altar que se colocou, por cima, um esplêndido baldaquino suspenso do tecto, com rica composição, em que se vê a mão do Pai em atitude de receber o sacrifício ([12]).

ESCALA HUMANA DO ESPAÇO DA IGREJA

Tendo conseguido um espaço comunitário hierárquico, os arquitectos podiam ficar-se por aqui. Porque, em suma, a Liturgia não precisa de mais. Mas a igreja é casa de Deus e casa dos homens: tinha que ter uma escala humana ([13]).

Há escala humana na arte, «serva da Liturgia». Se bem que a acção cultual não necessite da arte, o homem põe sempre beleza no culto que presta a Deus. Não admira: Deus é Beleza; e criou-nos à Sua imagem. Por isso é preciso que a casa de Deus entre os homens, além de funcionalmente boa, seja humanamente bela.

Aqui há beleza estética na harmonia e proporção dos volumes, no ritmo das estruturas, na simplicidade da ornamentação: É a delicada sustentação do tecto; a harmónica ligação das naves entre si e com a capela lateral; a leveza da tribuna quando vista do corpo da igreja; e uma atmosfera de exultação impossível de precisar.

E que dizer da estética das formas? A beleza grandiosa do altar e do baptistério, a finura do traçado dos pilares, a delicadeza e magestade de Santo António. Lembre-se ainda a certeza no desenho dos bancos, e sobretudo a dignidade dos confessionários, donde se afastou o ar bafiento e funéreo que às veses infama o tribunal de Deus.

Há escala humana no calor que nos rodeia. Não é o conforto da casa burguesa. É o calor digno que é dado pela qualidade da cor, pelo tratamento de certas superfícies como as do fundo e do lambrim. Mas é sobretudo o calor da luz que irradia do altar para encher a igreja e traz consigo Alguém que enche os corações ([14]).

É possível que o pavimento de vidro preto não seja nada quente «nem física nem psicològicamente». Mas a verdade é que contribui grandemente para a monumentalidade do interior.

É pena que as condições económicas não permitissem um tecto de madeira, que favoreceria a acústica e seria mais acolhedor.

([12]) Se não fosse o baldaquino, o altar perder-se-ia na parede do fundo. É ele que impede a dispersão da parede, e centra no altar as atenções de todos.

([13]) Entendemos *«escala humana»*, não só em sentido dimensional, mas também no sentido de adequação física e psicológica da obra ao homem. É aquela qualidade mercê da qual dizemos que uma obra *não está desincarnada.*

([14]) Apesar de a igreja ter sido concebida mais em ordem ao sacrifício que ao culto da presença real, os mesmos elementos que fazem do altar o centro orgânico da assembleia são um autêntico poema à presença eucarística e constituem-no como centro vital da piedade particular.

Teve-se em conta criar um espaço em que os fiéis se sentissem bem, dando-lhes aquela comodidade que não é comodismo burguês. Neste sentido, merece especial referência a posição inclinada do balcão, que já levou espíritos pouco abertos a dizer que a Igreja parecia um cinema ([15]). Observação nada razoável e pasmosamente superficial. Não se diga que vai contra a tradição fazer a tribuna inclinada. Nestas coisas, é preciso não confundir a tradição com o costume, e muito menos com a «costumeira».

O EXTERIOR

E que dizer do volume externo? Aqui nota-se talvez pouco domínio da forma que deriva do volume interior, sem a preocupação de agradar aos olhos. Talvez falta de unidade e tensão em demasia. Funcionalismo excessivo?

Mas não pode negar-se a majestosa dignidade sem ostentação, aliada a certa humildade sem negligência — características também do interior mas aqui mais evidentes.

Fachada grandiosa, de bela proporção de volumes e boa diversidade de cambiantes, sem fugir às cores calmas e solenes.

Boa colaboração de Manuel Cargaleiro, que executou, como só ele sabe, os valiosos azulejos, sem os pais não seria possível a composição dos orifícios na grande fachada lisa.

Em todo o caso, as formas exteriores são talvez demasiado desincarnadas e sem enquadramento no ambiente de Moscavide. Poderá notar-se, nesta igreja, nítidas influências da arquitectura da Suiça Alemã. Não admira: ela foi o berço do movimento de renovação da arte litúrgica. E como as causas de renovamento são cada vez mais gerais, não será ocasião de perguntar, com o Dr. Wagner, «se não se tende, pela primeira vez na história, para uma espécie de estilo universal»? (Como diz o mestre de Treveris, a resposta, deve ser deixada ao futuro). Aliás, se nós os portugueses fôssemos rejeitar a igreja de Moscavide por ela ter influências estrangeiras, teríamos de rejeitar, pelo mesmo critério, todas as nossas grandes obras de arte, desde Alcobaça à Batalha, e desde os Jerónimos a Mafra.

Todavia falta à Igreja de Moscavide um pouco de «cor local». Mas não se trata de sacrificar ao folclórico e muito menos ao mau gosto. Longe de nós a ideia de querer abdicar da forma autêntica para condescender com a falsidade das construções que rodeiam a igreja. No meio da péssima arquitectura de Moscavide, tão cheia de pretensões burguesas como falta de valores vivos, o exterior desta igreja é uma tenaz afirmação de pureza, de simplicidade, de verdade, que merece todo o nosso apoio e arrasta a nossa simpatia. Esperemos que o fim das obras, sobretudo a constru-

---

([15]) «É preciso que os fiéis vejam o altar... Dirão talvez; é uma sala de cinema... há três ordens de balcões como no teatro. *É uma questão de hábito. Se o cinema tivesse vindo depois diriam: parece uma igreja*». Era assim que o santo vèlhinho que foi o Cón. André inculcava nos Ordinandos Ostiários o zelo pela casa de Deus — no retiro pregado no Seminário de Issy (França) em 1934. (cf. «Idéal Sacérdotal, pág. 58).

ção da torre avançada e o arranjo do adro dêem à nova igreja o enquadramento e o ar acolhedor que lhe faltam. Tudo parece indicar que a construção do adro virá trazer à porta da igreja aquela dignidade, que ela merece pela sua identificação com a porta do Céu — «Haec est domus Dei et porta coeli» ([16]).

CONCLUSÃO

Não queremos negar as pequenas falhas desta igreja e procurámos apontá-las ao longo do estudo. Nem os autores do projecto pretendem com certeza ter realizado obra perfeita. A própria escolha do local, na rua mais barulhenta de Moscavide, só se desculpa por não haver outro sítio e se esperar para breve o desvio de parte do trânsito. Mas a falta maior (aliás do programa e não dos arquitectos) foi o escavamento de longa cave ([17]) para salão paroquial, em falta flagrante ao can. 1.164 § 2.

Mas estes reparos não tiram aos arquitectos o mérito de terem acertado no essencial e de chamarem a atenção para os problemas que tentaram resolver. De todas as igrejas que, nas últimas décadas se ergueram em Portugal, esta é talvez a primeira ao mesmo tempo igreja *e* moderna. Porque a primeira qualidade exigida numa igreja é que ela seja... uma igreja. E isto não é fácil: a igreja é casa dos homens mas é também casa de Deus («O quam metundus est locus iste!») ([18]). portanto, casa de oração («Domus mea, domus orationis vocabitur») ([18]). Por isso deve ser um lugar santo, quer dizer um lugar capaz de ser santificado («Domum tuam, Domine, decet sanctitudo») ([18]).

E por estas razões que o Santo Padre convida os artistas a considerarem a sua obra como «uma adoração, um serviço divino que excitará e inflamará eficazmente os fiéis a testemunharem a sua fé e a exercerem a sua piedade» ([19]).

É preciso que o artista viva a sua fé, para poder excitar a fé dos outros. Ou, como diz S. E. o Senhor Cardeal Patriarca, «antes de ser realizada, toda a igreja verdadeiramente viva tem de ser concebida no espírito e no coração do autor; e no acto doloroso da concepção, é preciso que passe Cristo como uma aparição de paz e graça».

AVELINO RODRIGUES

([16]) Tendo-se dado, no resto, mostras de são critério na escolha de materiais dignos, não se compreende porquê se escolheu, para a porta principal, um mísero contra-placado.

([17]) Isto é tanto mais para lamentar, quanto é certo que raras são as igrejas novas em que se não despreze este cânon. Reconhecemos que a economia é uma grande tentação. Em todo o caso nunca se deveria descer a este abuso: 1.º porque está proibido; 2.º porque é de algum modo uma falta de respeito ao edifício sagrado; 3.º porque é uma realização fracassada, em virtude da falta de espaço cómodo, da falta de ar e de luz, das dificuldades no acesso.

([18]) Ofício da Dedicação das igrejas.

([19]) Pio XII: Enc. «Musicae Sacrae».

panorama

Missão rural

No número de Dezembro de 1956 da revista «Les Cahiers du Clergé Rural», apareceu um artigo com o título «Réflexions sur dix années de mission en Limousin» do qual será talvez oportuno dar uma ideia, embora sucintamente, consideradas as circunstâncias da missão e a sua analogia com certos problemas que se levantam na vida pastoral entre nós.

A «missão» ocupou-se de oito sectores rurais de duas dioceses de França cuja vida cristã se resumia na recepção do Baptismo e do Matrimónio, e na sepultura religiosa. A Missa dominical reunia algumas pessoas de idade avançada e algumas crianças. A presença de gente em idade intermédia era pràticamente nula. Agravava ainda a situação o profundo anticlericalismo que reinava na mentalidade do meio.

Uma primeira tentativa inteligente de tornar vivas e atraentes as práticas mencionadas, abortou por completo. Importava não extinguir a mecha que ainda fumegava, mas a construção tinha de assentar noutras bases. Era sobretudo preciso revalorizar o ministério sacerdotal — ministério de fé, e esta não existia. A orientação a seguir era óbvia: Transformar a mentalidade do meio ambiencial já que sem uma esfera de compreensão não haveria resultados eficazes.

Simultâneamente, trabalhou-se na descoberta de elementos cristãos capazes de virem a ser bons militantes. Dos escassos elementos encontrados metade apenas é de condição indígena, na maioria são pobres espalhados por toda aquela vasta região, muitas vezes sem grandes convicções e tendo que vencer toda a oposição dos elementos adversos. Numa palavra, mais parecem a rectaguarda duma cristandade defunta que o gérmen vigoroso duma nova Igreja.

Caminhando para uma solução positiva aplicaram os padres da missão aos sectores confiados à sua solicitude pastoral, as directrizes gerais do Papa.

Em princípio era preciso analisar as aspirações, os problemas, as necessidades vitais daquela gente, e enunciar a sua solução à base do Evangelho e do ensinamento hierárquico; na prática, despertar a consciência daqueles homens por uma vivência integral do Cristianismo em palavras e acções dando-lhes uma possibilidade, mais ainda, uma necessidade de opção consequência certa dum confronto de atitudes. Era necessário ainda explorar as qualidades humanas existentes, acompanhar e não recear o progresso, realidade ambivalente como tantas outras a que é preciso apenas sublimar os fins e os efeitos. Tudo isto a par de um trabalho constante e discreto dos padres e leigos prèviamente treinados neste sentido, salientando-se a necessidade da ingerência do padre em todos os problemas, atendendo a que esta não deve ser tão pequena que deixe ganhar terreno à mentalidade pagã, nem tão grande de modo a converter a sua missão de «dispensador dos mistérios de Deus» em mentor da construção do mundo: «La question n'était pas— présence ou absence du prêtre au temporel, mais — quel est le mode de présence...»

Era imprescindível que o hábito de projectar princípios sobre as grandes realidades existenciais se não convertesse em tarefa tão fácil que viesse a descurar a complexidade dos problemas concretos que impedem a vida cristã.

A todos os pontos da idealizada solu-

ção se procurou uma correspondência na prática, deixando de lado algumas ausências ou desânimos, elementos que não são fracassos mas apenas denunciadores de uma obra humana.

Continua o artigo focando algumas reacções concretas em que o padre aparece como elemento sumamente intrigante já pelo seu engenho desinteressado ao serviço do bem comum, já pelo carácter humano-divino que nele brilha e caracteriza todo o seu agir. A sua conduta aparece associada a Alguém que a inspira. Depressa se adivinha que esse Alguém é Deus. É então que surgem as impertinentes e indiscretas perguntas — sinal evidente da seara amadurecida: «porquoi vous occupez-vous de cela, Monsieur le curé?» A resposta tem de surgir em concordância com o pensar de quem pergunta, denotando caridade e não altruismo, mostrando interesse sobrenatural: «parce que ça intéresse le Christ, l'Église, parce que un chrétien, un prêtre doit aimer efficacement ses fréres...»

A mentalidade está preparada. O anticlericalismo sempre latente raro se denuncia, o respeito pela fé é já uma realidade: «vous vous y croyez!...», «si je pouvais croire comme vous!...»

Com este panorama de, pelo menos, complacente neutralidade, já é possível pegar do catecismo, vivificar as práticas religiosas, falar e ser escutado no domínio próprio do padre que é a evangelização directa, já é possível despertar a fé, alimentá-la e fazê-la agir, já se pode denunciar o pecado, enfim torna-se fácil implantar a Igreja, fazer cristandade.

ANTÓNIO HENRIQUE

Os países sub-desenvolvidos hoje e no futuro (1)

1. A situação mundial — o problema mais difícil que actualmente se põe à humanidade é não só fazer face ao aumento demográfico (2) (alimentá-lo, alojá-lo e vesti-lo) como elevar o nível de vida de 75 % da humanidade. Ao aumento da população junta-se o da duração média da vida.

Estes aumentos distribuem-se diferentemente. O progresso da medicina e da higiene tem feito diminuir a taxa da mortalidade em todo o mundo, enquanto que a da natalidade, estacionária nos industrializados. A duração média da vida é muito maior nestes (Suécia, por exemplo, 69 anos) que naqueles (Índia, por exemplo, 32 anos) (3).

Paralelamente, o problema da alimentação: 50 % da população do mundo não tem o mínimo de calorias estritamente necessárias, e 75 % não têm as quantidades mínimas de proteínas animais, sais minerais e vitaminas indispensáveis a uma actividade normal.

É verdade que esta desigualdade, embora tenha vindo a aumentar não é de agora, mas hoje há uma consciência muito maior da situação por parte desses países sub-desenvolvidos. Estes que chegam a ter apenas 50 dólares anuais por habitante, sabem que os americanos têm mais de 2.000 e que no fim do século esta relação 1/40 será de 1/100, porque o sub-desenvolvimento cria o círculo vicioso de não se poder fomentar o super-desenvolvimento necessário.

2. Os materialismos de Este e de Oeste — Os países desenvolvidos ainda não tomaram consciência perfeita do problema; por isso, o auxílio actual é apenas 1/3 do necessário para impedir o retrocesso do nível de vida nos países atrazados.

Entretanto, dois materialismos agem: o comunista infiltra-se ràpidamente nos países sub-desenvolvidos e nos industriais em que ainda há luta de classes. Sudeste asiático, China, Índia África (sobretudo nas zonas mineiras), Brasil, etc., são focos de grande desenvolvimento comunista cuja

---

(1) In «Informations catholiques internationales», 1 de Jan. de 1957. Artigo «Le tour du monde en 16 questions» — entrevista com o Padre Lebret, O. P. que visitou nos últimos nove anos 42 países livres da Europa, Ásia, África e América, em estudos económicos e sociais.

(2) 900 milhões de habitantes em 1800, 1600 em 1900, 2.300 em 1955 e, segundo se prevê, 3.300 em 2.000.

(3) Em Portugal, 50 a 55.

propaganda, que parece obedecer a um plano de grande envergadura, é facilitada pelo frenesim de instrução que se apoderou do mundo (4).

O materialismo americano, por sua vez, apresenta, pelo cinema sobretudo, um «standard» de vida que suscita o desejo de imitação, não se preocupando com os valores próprios de cada civilização: ao aumento demográfico, responde com o «birth-control»; à aspiração de independência com uma ajuda unilateral; à ânsia de saber, com um ensinamento puramente técnico, vazio de qualquer mística.

Como é duvidoso que as religiões japonesa, indú, islâmica se possam manter vivificadoras perante um grande desenvolvimento industrial, os intelectuais orientais pedem ao Ocidente com um maior nível de vida, um maior nível espiritual. Como ele não lho dá, procurá-lo-ão no Marxismo que os levará ao desespero ou à abdicação.

Só uma gigantesca revolução de amor pode impedir o regresso à barbárie a que qualquer destes materialismos conduz. Ao desejo de «plus avoir» é necessário sobrepôr o de «plus être».

3. O que o mundo espera dos católicos — O mundo pede aos ocidentais um Evangelho de esperança, de compreensão e de amor, mas estes respondem-lhe com dinheiro e tecnocracia. Em consequência, diversos nacionalismos nascentes no Oriente têm vindo a fechar as suas portas aos missionários católicos, desautorizados pelo comportamento dos seus concidadãos.

Mas é impossível extinguir o sentimento religioso no homem, e o P.e Lebret tem sentido em todo o mundo a procura do Deus único; por toda a parte começam as instituições a tentar responder ao desejo universal de solidariedade e de paz. E nós sabemos que só o catolicismo lhes pode levar a mensagem de esperança e e de amor que eles procuram.

Devem ser criados tipos novos de missões, de intelectuais profundamente conhecedores dos problemas-chave do mundo, missões essas que, localizadas nas principais capitais da Europa, Ásia, África e América onde se joga o destino da humanidade, devem inspirar cristamente todas as grandes decisões quer no plano económico, quer no plano diplomático, quer ainda no plano técnico.

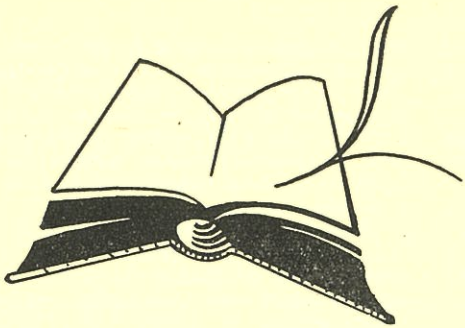
Todas as competências, do psicólogo ao arquitecto, são hoje necessárias em católicos que vivam o Evangelho, mas talvez a falta mais sensível seja a de homens de síntese, com uma concepção exacta do homem e das suas possibilidades; isto exige, porém, uma longa preparação e uma longa experiência.

Em resumo, é necessário que o católico deixe de se curvar sobre si mesmo e tome consciência da sua missão civilizadora. Temos a responsabilidade da miséria dos países sub-desenvolvidos, responsabilidade de caridade e de justiça.

FERNANDO BELLO

---

(4) O que, em si, é bom.



Livros novos

«O PORTUGUÊS DE ALMA GRANDE» (1)
«VIAGEM À RODA DO PRESÉPIO» (2)

António João Bispo

Dois livrinhos para miúdos, gaiata e alegremente apresentados e ilustrados por Marcelo de Morais. A literatura infantil é sempre difícil. Fácil cair na lição de moral teimosa, maçuda; difícil pôr o coração dos meninos a rir, a brincar, a amar, a viver a boa vida que o Bom Deus lhes dá. E este amor, esta mensagem não pode ser desencarnada, tem de ser para uns meninos que têm o seu Deus e a sua terra. «O Português de Alma Grande» é o Santo António, o Santo António catraio dos becos de Lisboa, menino da doutrina, sonhador de Deus, o Santinho de S. Vicente e de Santa Cruz, o apaixonado de S. Francisco, o pregador do povo, o amigo de Deus e de seus irmãos, o Santo António amigo e irmão de todos os meninos portugueses, «O Português de Alma Grande».

«Viagem à roda do Presépio» também fala aos meninos dum outro Menino, mas desta vez dum Menino com letra grande: o Menino Jesus, o Deus Menino. Natal português e cristão, Natal dos presépios moldados infantil e belamente no barro das aldeias ou na plasticina das cidades, Natal dos meninos pobres a chorar o Menino que não vem e mais o seu sapatinho roto e vazio, — quando têm sapatinhos... Natal das estrelas e do amor dos astros, Menino Jesus das Beiras, das loas, das janeiras e dos Santos Reis Magos.

Parabéns ao autor. Que continue e aprofunde a compreensão, o amor e o estudo dos meninos para deleite de pequenos e grandes e glória de Deus Menino.

JOÃO AFONSO

LEÃO E MARTINHO (3)

Nino d'Aroma

É-nos apresentada, em síntese, uma época, ou melhor dito, dois homens — Leão e Martinho —, personificando tempos e mentalidades, sobressaindo em particular o caudal genético que pesa grandemente no carácter destes.

Homens de sangue e temperamento opostos, em países diametralmente díspares, enveredam caminhos ásperos e, em dado momento da vida, frente a frente.

---

(1) ed. da Igreja — Casa de Santo António.

(2) ed. do autor, por intervenção do Serviço de Escolha de Livros para as Bibliotecas junto das Escolas Primárias.

(3) Edições Paulistas — LISBOA, Colecção «Tempos e Figuras», n.º 2.

Traços indeléveis permanecem como constantes nestes homens: Leão segue nas peugadas dos ancestrais — «Ao despertar das grandes nações europeias opuseste, negociando e contemporizando, o sagaz realismo dos Médicis, impregnado de finura e conhecimento profundo da alma humana» (p. 207).

Lutero, ultra-sensível, não ligando importância à interpretação bíblica feita pelos santos Padres, embebendo-se das ideias dum nacionalismo nascente e embrenhando-se na subtileza das palavras, constitui um estranho complexo ainda hoje difícil de compreender. Atormentado pelo facto da predestinação, duvidando da suficiência da graça e da liberdade humana, chega a exclamar: «Não seria melhor não existir este Deus que até na minha pequena cela vem atacar-me?» (p. 35).

Uma linha lógica leva Martinho a aprovar os crimes praticados na Alemanha. Afinal o casamento de Lutero com uma r e l i g i o s a — desiludida de dois homens que no seu íntimo amara—, não foi mais que a resultante de suas ideias avariadas, embora sentisse ainda um certo pudor e timidez.

Quando se chega a falar com Deus como se Ele fosse um colega de escola e se lhe diz: «Meu doce Senhor, se é da tua vontade que eu viva sem mulher, ajuda-me a resistir a todas as tentações!», ou caso contrário: senão concede-me uma rapariga boa e piedosa, com a qual passarei docemente a minha vida e amarei enquanto por ela for amado» (p. 220), quando se chega a falar assim com Deus, é fácil compreender todos os maléficos erros a que Lutero deu origem.

O presente livro é um novo esforço para uma visão mais realista e, por isso, mais verídica da pessoa de Martinho Lutero.

Na sobriedade de formas e na elegância de estilo, Nino d'Aroma deu-nos uma obra que ficará para sua maior glória e benefício da humanidade.

ARMÉNIO PIRES

ATHANASE D'ALEXANDRIE (4)

Jean Marie Leroux

Ainda não refeita dos males que as perseguições dos três primeiros séculos lhe infligiram, já a Igreja se via a braços com outro inimigo — porventura não menos prejudicial —, de ordem interna, nascido do seu próprio seio — o ARIANISMO —, que arrancou à mesma Igreja algumas comunidades cristãs do Oriente, das mais florescentes.

Frente a este terrível inimigo se vê a Igreja em aberta luta dentro de si mesma, e dela sairá, como sempre em todas as épocas da História, vencedora com renovadas forças e maiores, para a dilatação do Reino de Deus no mundo.

E nesta conjuntura difícil da vida da Igreja, um nome domina, a par do Romano Pontífice e a ele sempre fiel na luta pela ortodoxia cristã — Santo Atanásio de Alexandria.

Defensor intrépido da fé tradicional, manteve-se sempre, mesmo no meio dos mais atrozes sofrimentos, físicos e morais, infligidos pelos seus inimigos — que eram os inimigos da verdadeira doutrina cristã e da mesma Igreja —, fiel aos

(4) Edição de «Les éditions ouvriéres», colecção «ÉGLISE D'HIER ET D'AUJOURD, HUI».

ensinamentos da Revelação cristã em todos os seus artigos de fé.

Na agitada e momentosa vida que teve de levar não esqueceu este glorioso Bispo de orientar para o ideal da perfeição cristã o povo que lhe fora confiado. Grande amigo dos monges, Santo Atanásio deixou-nos escrita a vida do primeiro eremita, Santo Antão, a apontar-nos cada dia o caminho da perfeição cristã.

Pelo que fica dito, aos cristãos do século XX muito aproveitará o contacto com as grandes figuras de outras eras. Neste sentido, o livro que agora aparece — ATHANASE D'ALEXANDRIE —, na colecção «Église d'hier et d'aujourd'hui», auxiliar-nos-á grandemente nesta tarefa.

NICOLAU BAPTISTA

Cem anos! VELAS DE CARDIGOS

Telef. 5 **J. d'Oliveira Tavares, Filhos** B. Baixa - CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições: 4 estrangeiras e 3 nacionais

CASA SAMPEDRO

de M. D'OLIVEIRA & MARQUES, L.DA

com sede na Praça dos Restauradores, 31-3.º — LISBOA

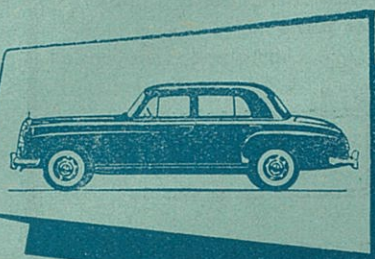
O seu comércio engloba os seguintes ramos:

- *Tecidos Pretos* para o clero e cores especiais para as Congregações.
- *Livraria*, de modo especial, livros estrangeiros.
- *Edições próprias* (iniciou já a sua actividade com uma colecção de romances de alto valor).
- *Filmes fixos* de ensino geral e para catequese.
- Máquinas de projecção fixa.
- Máquinas de escrever «ANTARES-MICRON».
- *Discos religiosos* de alta fidelidade.

Faça já os seus pedidos à CASA SAMPEDRO

MERCEDES-BENZ

AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas



AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 41/43
lugares



UNIMOG
tractor para todo o ter-
reno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS para
todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO

APARELHAGEM ELÉCTRICA
PARA ALTA E BAIXA TENSÃO
QUADROS BLINDADOS
para fábricas, oficinas e minas
Acessórios para
instalações eléctricas

CREL

CONSTRUÇÕES
E REPARAÇÕES
ELÉCTRICAS, L.DA
Telefones: P. P. C. 66 2134 e 66 1135
Rua dos Industriais, 7
(às Côrtes)
— LISBOA —

Antiga Fábrica de Velas
de **Alfredo Cadete Pereira**
Alcanena — Monsanto
Velas de cera Litúrgicas e de promessa
Preços especiais para os Rev.dos Párocos e Irmandades

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA
WURLITZER ORGAN
O órgão aprovado pelo
Vaticano
CASA RUVINA Rua Formosa, 173 — PORTO



União Gráfica

S. A. R. L.

Sede: Rua de Santa Marta, 48

LISBO

Livraria — As últimas novidades literárias.

Tipografia — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Editorial — Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de *Nuno de Montemor*.

Objectos religiosos—O maior sortido, aos mais baixos preços.

Paramentaria—Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

Proprietária do diário *Novidades*, da revista de actualidades *Flama*, do semanário *A Guarda* e da publicação bi-mestral *Selecção Documental*.

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Harmoniuns-Orgãos



ABEL ◇ ESTEY ◇ KASRIEL ◇ A. W. B. ◇ LINDHÖLM

e de outras famosas marcas

Vendas a pronto ou com facilidades

Modelos portáteis próprios para Colégios, Seminários, Capelas, etc., etc.

VALENTIM DE CARVALHO, L.da

95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

ALTA qualidade a baixos PREÇOS

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 7 — LISBOA

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93 2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

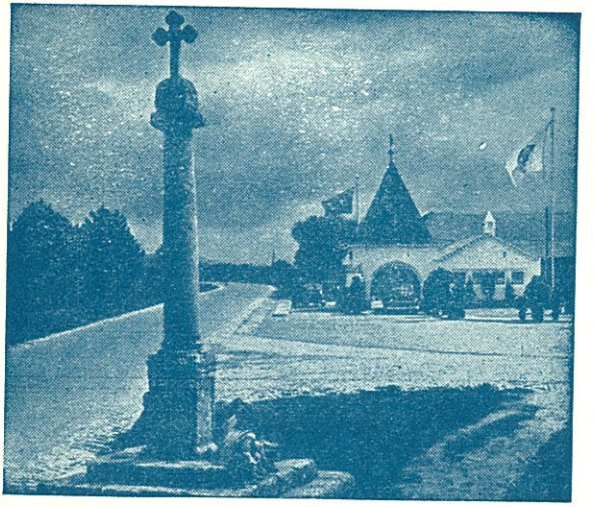
AO SERVIÇO DO AUTOMOBILISTA

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimentos não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

Assim pensa

A SACOR



POSTO DE ALJUBARROTA

Ora se todas as artes se dão as mãos, numa roda de estética sagrada, para, em colaboração harmónica, pôr ao serviço de Deus as suas formas sensíveis e belas, para constituir o organismo vivo da Liturgia — quem não compreende que o estudo da Liturgia é incompleto sem o estudo das Belas Artes?

D. ANTÓNIO COELHO

REVISTA DOS ALUNOS
DO SEMINARIO DE
CRISTO-REI «OLIVAIS»